

SÉRIE V . VOLUME 4/5

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2014-2015

Estremoz 7 ou a Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora)

Estremoz 7, the portal dolmen of Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora district, Portugal)

RUI BOAVENTURA*, RUI MATALOTO**, MARCO ANTÓNIO ANDRADE***, DIANA NUKUSHINA****

«É costume levar as crianças e alguns adultos junto do esteio inteiro e perguntar-lhes [sic] se desejam ouvir roncar o mar, para o que devem encostar o ouvido a dita pedra. Nessa altura empurram a cabeça do bacôa contra a mesma.

Isto fazia-se depois da missa da meia-noite (do galo) pelo Natal.»

M. Heleno, *Caderno n.º 2 – Antas dos arredores de Estremoz*, 1934

RESUMO

A anta de Estremoz 7 ou Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (NSCO) foi escavada em 1934 sob as ordens de Manuel Heleno. Implantada sobre uma pequena elevação incluída numa paisagem aberta, corresponderia a um monumento de dimensões ainda consideráveis, no qual se recolheu um conjunto relativamente significativo de espólio arqueológico. Em termos geográficos, a sua localização singular afasta-a dos grandes núcleos conhecidos nesta área regional; contudo, os dados recolhidos neste sepulcro permitem avançar algumas observações pertinentes, nomeadamente sobre a «evolução» cultural ou tecnológica entre geométricos e pontas de seta, a circulação de matérias-primas siliciosas a longa distância e o reuso de monumentos megalíticos em finais do 3.º milénio a.n.e. Este monumento assume-se assim como componente válido para a compreensão

* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia.

** Município do Redondo. *E-mail*: rmataloto@gmail.com.

*** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia. *E-mail*: marcoandrade@campus.ul.pt.

**** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia. *E-mail*: diana_nukushina@hotmail.com.

das comunidades megalíticas da área centro e alto-alentejana, durante o Neolítico final e o Calcolítico.

Palavras-chave: Megalitismo – Alentejo – Neolítico final-Calcolítico – Sepulcros-reocupação – Campaniforme

ABSTRACT

The passage grave of Estremoz 7 or Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (NSCO) was excavated in 1934 under the supervision of Manuel Heleno. Erected on a small hill included on an open landscape, it would correspond to a monument of some substantial proportions, in which a relatively significant set of archaeological finds was collected. In geographical terms, its singular location separates this monument from the large clusters known in this regional area; however, the collected data allow to disclose some relevant observations, particularly about the cultural or technological «evolution» between geometric armatures and arrow-heads, the long-distance circulation of silicious raw-materials and the reuse of megalithic monuments during the late 3rd millennium BCE. This monument is therefore assumed as a valid component for the comprehension of the megalithic communities in the region of Central and North Alentejo, during the Late Neolithic and Chalcolithic.

Key-words: Megalithism – Alentejo – Late Neolithic-Chalcolithic – Monuments-reuse – Bell Beaker

PALAVRAS PRÉVIAS

Este trabalho foi iniciado pela vontade de um de nós (RM) em dar a conhecer o quase mítico conjunto campaniforme da Anta 7 de Estremoz, que tantas confusões e comentários havia gerado, sem nunca haver sido dado à estampa. O Rui Boaventura logo transformou essa vontade num projeto que mais propriamente, e à sua maneira, deveria corresponder à publicação monográfica dos resultados obtidos. Depois de alguns avanços e recuos, apenas em meados de setembro de 2015 nos reunimos pela primeira vez para darmos andamento ao estudo. Não mais nos voltámos a reunir em torno dos materiais, mas tivemos ainda longos debates sobre o significado dos mesmos; entretanto, o Marco e a Diana foram integrando a equipa e tiveram ainda a oportunidade de debater longamente com o Rui as problemáticas inerentes. O Rui escreveu, ainda, boa parte do texto que se apresenta, mas já não acompanhou a sua redação final. Deste modo, estamos certos que este não é o mesmo texto que seria se o Rui o tivesse acompanhado até ao fim, mas procurámos manter-nos fiéis às ideias que tantas vezes debatemos. Vamos falando amigo...

1. INTRODUÇÃO

A anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (CNS 2276), de ora em diante referida pela sua sigla NSCO, foi mandada escavar por Manuel Heleno (1934), no âmbito da sua demanda pelo megálito original no Alentejo Central, nomeadamente na sua zona nor-ocidental (abrangendo os concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Mora, Arraiolos) e no canto nordeste (coincidindo com o concelho de Estremoz, sobretudo a parte norte deste, ainda que tenha visitado a banda sul, como veremos). Seguiu uma nomenclatura muito própria,

provavelmente para distinguir os sepulcros de Estremoz daqueles da zona nor-ocidental do Alentejo Central – aí utilizou um sistema de ordenação e identificação numérico, e além de registar os topónimos locais associados a cada sítio, listou e designou-os sequencialmente, pela ordem dos trabalhos realizados: Estremoz 1, 2, 3, etc. Dessa forma, a anta NSCO é também designada por *Estremoz 7*.

Localmente, é ainda conhecida por Pedra da Ronca (CME, 2015; Medeiros, 2001), e já no século XIX, antes de 1882, terá sido listada por Carlos Ribeiro, como «dólmen a 1800 m ao NO da muralha de Estremoz» (Neto, 1976-77, p. 103, linha 9). A Carta Militar de Portugal (escala 1:25000), folha 425, editada em 1944, registava ainda nas imediações da ermida pelo menos três topónimos sintomáticos da presença desta anta, mas que por se apresentarem no plural, provavelmente, também de outras entretanto desaparecidas: «Horta da Ilha das Antas», «Viver das Antas» e «Antas de Baixo».

Na sequência do ressurgimento dos lendários cadernos de apontamentos, a referida demanda de Manuel Heleno foi já alvo de estudo, relativamente recente (Rocha, 2005). Assim, optámos por não desenvolver este enquadramento, visto não ser esse o objetivo do presente trabalho, limitando-nos a alguns comentários nessa vertente, sempre que pertinentes.

A intervenção na anta desenvolveu-se, segundo o diretor do então Museu Etnológico (hoje Museu Nacional de Arqueologia – MNA), a 10 de setembro de 1934 e nos dias seguintes (Heleno, 1934, p. 2). Como habitual nestas ações, alguns trabalhadores rurais foram contratados para o efeito, podendo verificar-se a sua presença em algumas fotografias obtidas por Manuel Heleno (v. fig. 3).

Em algumas das fotografias apresentadas é ainda possível observar, a poucas dezenas de metros, a Ermida da Nossa Senhora da Conceição (dos Olivais), da qual a anta ganhou o nome. Edificada no último terço do século XVI (Espanca, 1975; Medeiros, 2001, p. 93), esta proximidade entre edifício religioso e anta havia sido já assinalada por J. Oliveira e colaboradores (1994-95 e 1997), que então procediam a um inventário de antas-capelas e capelas junto de antas. Aí realçavam a carga mágico-simbólica daquelas estruturas funerárias do Neolítico

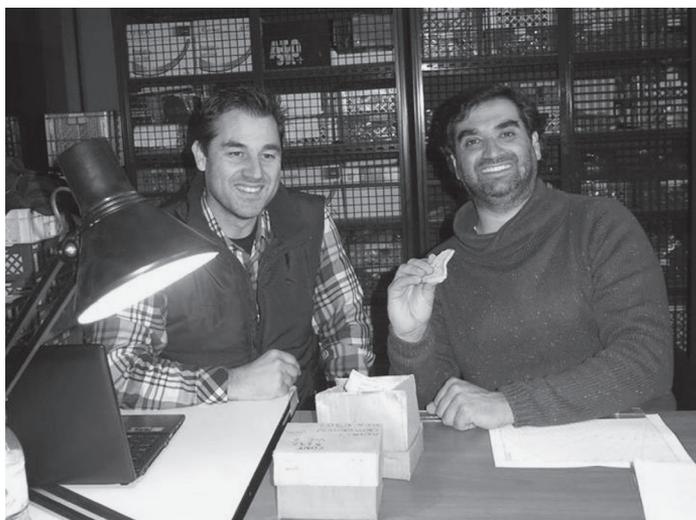


Fig. 0 – Museu Nacional de Arqueologia, 12 de setembro de 2015, em torno dos materiais de NSCO.

sobre as populações posteriores, nomeadamente as de credo cristão católico. De facto, apesar de várias disposições das autoridades religiosas proscrevendo estas estruturas e outros espaços considerados pagãos, alguns destes edifícios e as suas imediações acabaram por ser associados ou mesmo integrados em construções religiosas de culto, provavelmente como um meio de apropriação de tradições locais relacionadas com superstições e lendas pagãs. Esta conversão tácita ter-se-á intensificado em contexto de Contra-Reforma pois, pelo menos dos casos listados (Oliveira, Sarantapoulos e Balesteros, 1997), a maioria daquelas igrejas e altares parecem ter sido erigidas nos finais do século XVI e no seguinte.

Manuel Heleno, sem que discutisse o assunto, registou no seu caderno dois apontamentos etnográficos relacionados com a anta:

- Uma tradição, quase brincadeira, associada à romaria da Nossa Senhora da Conceição em 8 de novembro, mas também à noite de missa do galo, no Natal. Era costume levar crianças e alguns adultos junto do esteio inteiro e perguntar-lhes se desejavam ouvir o roncar do mar. Para isso deviam encostar o ouvido à dita pedra e, nessa altura, empurravam a cabeça do «bacôa» contra a mesma (Heleno, 1934, p. 2) – provavelmente, a designação de «Pedra da Ronca» terá surgido desta tradição;
- Uma lenda rezava que o dono da propriedade em «certos tempos» tinha um filho que tinha a sina de morrer dum raio. Para evitar isso o pai mandou construir a anta, para onde mandaria o filho quando fazia trovoadas. Afinal o filho morreu dum raio (Heleno, 1934, p. 6-7).

Entretanto, o casal Leisner incluiu esta anta no seu inventário, porém, limitando-se a referir que teria sido escavada por Manuel Heleno, que ali recolheu pontas de seta, mas cujo relatório se encontrava então inédito (Leisner e Leisner, 1959, p. 153). Assim, os resultados da escavação deste sepulcro mantiveram-se desconhecidos até ao reaparecimento dos cadernos de Manuel Heleno e a sua revisão por L. Rocha (2005), nomeadamente com o estudo dos restos osteológicos humanos atribuíveis àquele jazigo, assinalando dois momentos cronológicos de uso na anta: um de Neolítico final/Calcolítico na câmara, e outro do «período campaniforme» no corredor (Rocha e Duarte, 2009, p. 766-767). Porém, o espólio arqueológico mantinha-se por publicar devidamente.

Face ao exposto, este trabalho visa caracterizar e enquadrar os interessantes dados obtidos na intervenção de Manuel Heleno.

1. O SEPULCRO MEGALÍTICO

A anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (NSCO) implanta-se sobre uma pequena elevação integrada numa paisagem aberta, principalmente para poente, sobre contextos geológicos de ortognaisses hiperalcalinos entre rochas

câmbrias dolomitizadas e xistos silúricos (folha n.º 36B da Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50000). Localiza-se, na folha n.º 425 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000), nas seguintes coordenadas UTM (seg. Rocha, 2005, vol. 2, p. 458):

X (m): 620330

Y (p): 4301516

Z (alt.): 360 m.



Fig. 1 – Em cima: situação de NSCO no ocidente peninsular; em baixo: localização de NSCO na folha n.º 425 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000).



Fig. 2 – Em cima: aspecto de NSCO em 1934, à altura da sua escavação (MNA, Arquivo Fotográfico); ao lado: aspecto atual de NSCO. Em ambas imagens, é visível Estremoz ao fundo.



Fig. 3 – Aspecto dos trabalhos de escavação de NSCO, em 1934 (MNA, Arquivo Fotográfico).



Fig.4 – Igreja e anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais em dia de romaria (8 de dezembro), nos finais dos anos 80. Foto do Prof. Doutor Jorge Oliveira, a quem se agradece.

Ainda que as anotações de Manuel Heleno sejam esparsas, não constando qualquer tipo de planta da estrutura escavada, foi possível perceber genericamente que o sepulcro se encontrava já bastante afetado por investidas anteriores, uma delas em meados do século XIX, quando, pelo menos dois dos esteios da câmara terão sido partidos e utilizados na construção de uma estrada (Heleno, 1934, p. 9). Além do único esteio quase inteiro da câmara, Manuel Heleno identificou as valas de implantação de lajes sumidas, bem como três esteios ainda *in situ*, um deles o de cabeceira (esteio C), mas partidos quase ao nível do solo. No corredor, apenas detetou uma fiada de três lajes do lado Sul, também ao nível do solo, restando do lado norte a vala de implantação de outras entretanto desaparecidas.

Câmara		Corredor	
Esteio	Dimensões (em metros)	Esteio	Dimensões (em metros)
A	Inteiro; A-2,25+1,27/L-1,30/E-0,95	IE	Partido; A-0,60/L-0,93/E-0,23
B	Partido; A-0,48/L-1,10/E-0,17	IIIE	Partido; A-0,80+0,65/L-0,76/E-0,39
C	Partido; A-0,15+1,15/L-2/E-0,31	IIIE	Partido; A-0,40/L-0,60/0,21
D	Partido; A-0,18+1/L-1,60; E-0,40		

Tabela 1 – Dimensões e estado de conservação dos ortóstatos preservados de NSCO.

Hoje é ainda possível observar o esteio de granito da anta, bem como outros dois esteios da câmara, mas a restante estrutura encontra-se escondida e afetada pela plantação de uma vinha, provavelmente instalada na transição de milénio. Na câmara, avistam-se ainda alguns blocos ali deixados, um deles talvez proveniente do corredor. Esta imagem, porém, não diverge muito daquela registada em meados da década de 1990 por J. Oliveira e colaboradores (1997, p. 33), que à data realizaram uma planta da anta, limitada aos três esteios da câmara então visíveis, com mais algumas lajes jazendo junto daqueles, talvez elementos do corredor. Portanto, com base nas informações disponíveis, nomeadamente as fotos de 1934, foi possível esquematizar a planta da anta que, para Manuel Heleno, teria sido de grandes dimensões.

Segundo nos descreve Manuel Heleno a câmara teria um formato arredondado, o que cremos resultar da impressão que as valas de implantação detetadas suscitavam face à ausência das lajes, pois o formato paralelepípedo destas daria certamente uma geometria mais poligonal ao espaço da estrutura. Assim, o eixo longitudinal da anta teria cerca de 7,20 m, dos quais 4 m seriam da câmara, por cerca de 4,40 m de eixo transversal (norte-sul), e a sua entrada mediria 1,43 m. A altura da anta poderá ser estimada com base no único esteio quase inteiro, que alcançava os 2,25 m. O corredor, virado a nascente, apresentaria então 3,20 m de comprimento por cerca de 1,85 m de largura, sendo impossível estimar a sua altura.

A ereção da anta, numa colina com um substrato rochoso próximo da superfície, terá sido uma tarefa árdua. Porém, a abertura das ditas valas, apesar da aparente dureza do substrato, não foi um obstáculo para a tecnologia

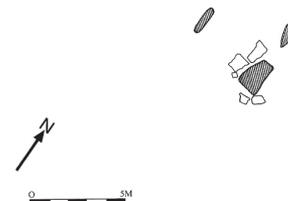
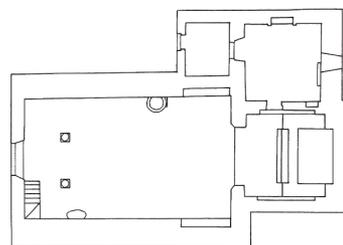


Fig. 5 – Planta e localização da anta em relação à Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (adaptado de Oliveira et al., 1997, p. 33).

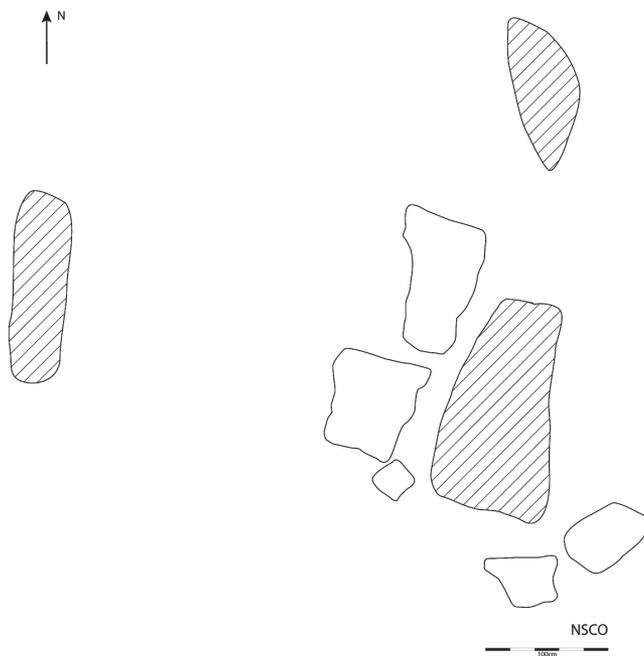


Fig.6 – Planta de NSCO, conjugando o que é atualmente visível com a planta apresentada por Oliveira *et al.* (1997, p. 33).

pré-histórica. Por outro lado, facilitou a Manuel Heleno a deteção das valas de implantação, que atingiam cerca de 0,80 a 1 m de profundidade.

Manuel Heleno destacava ainda o esteio quase completo por ser de «granito rijo», quando as restantes lajes eram de outro tipo de rocha, que não nomeou – a observação recente dos dois topos visíveis aponta para prováveis calcários dolomíticos, que se registam nas imediações. Assim, anotava que aquela rocha não existia nas redondezas do local da anta e teria vindo pelo menos de uma distância superior a 7 km (Heleno, 1934, p. 9).

A análise da folha n.º 36B da Carta Geológica de Portugal (SGP, Gonçalves, 1972), na escala

1:50000, revela que o substrato geológico onde a anta foi implantada corresponde a uma pequena e estreita faixa lenticular de ortognaisses hipercalinos de grão fino, limitada a norte por outra estreita faixa de dolomitos e calcários dolomíticos cristalinos, ambos rodeados por xistos com intercalações de liditos e xistos grafitosos.

Em redor da anta, só a cerca de 14 km para sudoeste, próximo de Évora-monte, surge uma mancha de granodioritos (SGP, Gonçalves, 1972), havendo outras manchas similares para norte, a maiores distâncias. Desta forma, há pelo menos duas hipóteses, a esclarecer: a laje dita de «granito» corresponde ao ortognaisse local ou, de facto, a origem daquele bloco é alóctone, o que terá implicado um transporte de uma distância considerável.

2. O ESPÓLIO ARROLADO E O ATUAL

O espólio recolhido na anta e brevemente listado por Manuel Heleno coincide em grande parte com aquele que nos foi possível analisar em depósito no MNA, mas registaram-se algumas discrepâncias, nomeadamente: um número de contas de colar discoides de xisto presentemente superior em cerca de um terço àquelas anotadas, levando a crer que algumas terão sido recolhidas no crivo depois da visita de Manuel Heleno; apesar do destaque do vaso troncónico e da



Fig. 7 – Aspeto do enterramento identificado no espaço do Corredor de NSCO (MNA, Arquivo Fotográfico). De notar o conjunto de ossos longos, possivelmente correspondentes aos membros superiores, depositados durante a escavação na parte externa do Corredor.

caçoila encontrados no corredor, há ainda outros fragmentos cerâmicos de recipientes não mencionados; a ausência de um «núcleo de cristal», duas das mós mencionadas e um tostão de D. Manuel II.

Infelizmente, também a localização dos achados dentro da estrutura é limitada, tanto em plano como em profundidade, limitando-se o arqueólogo a listar e atribuir a sua proveniência à área da câmara ou do corredor. A exceção foram as ossadas dos membros inferiores, ainda em conexão anatómica, de um indivíduo humano, registadas a cerca de 0,30 m de profundidade face à superfície, e devidamente fotografadas (v. fig. 7). O estudo antropológico deste conjunto foi já apresentado (Rocha e Duarte, 2009), pelo que nos absteremos de efetuar considerações a este respeito.

Heleno		MNA	
Lascados (total)		Lascados (total)	
Sílices	29	Geométricos	25
Setas retas/concavas	18	Pontas seta reta/côncava (tipo 1)	27
Setas convexas	24	Pontas seta convexa (tipo 2)	19
Facas	4	Lâminas	6

Heleno		MNA	
		Lamela	1
		Lascas	4
		Micro-buril	1
Núcleo de cristal	1		?
Polidos (total)	3	Polidos (total)	3
Machado	1		
Martelo	2	Martelos	
Pedra afeiçoada	3	Pedra afeiçoada	1
Mó	3	Mó movente	1
Chapão	1	Ídolo-placa	1
Recipientes cerâmicos		Recipientes cerâmicos	
Vaso	1	Vaso troncocónico	1
Vaso colo côncavo	1	Caçoila	1
		Taça hemisférica	1
		Taça carenada	1
		Frag. cerâmico	1
Outras cerâmicas		Outras cerâmicas	
Peso de barro	1	Elemento de tear	1
Cilindro barro	1	Peça de jogo cilíndrica (?)	1
Contas (total)	114	Adornos (total)	148
Contas em roda	104	Contas discoídes	137
Contas bicónicas	10	Contas bitroncónicas	9
		Conta ovoide	2
Tostão D. Manuel II	1		?
Dentes	+		+
Ossos humanos	+		+
		Pedras sem trabalho	1

Tabela 2 – Inventário do espólio recolhido em NSCO segundo o Caderno de Campo de Manuel Heleno e materiais atualmente em depósito MNA

2.1. Pedra lascada

O conjunto de pedra lascada depositado no MNA totaliza 90 peças, das quais 89 % correspondem a utensílios retocados, destacando-se o domínio das pontas de seta (66 %), surgindo, em menor número, os geométricos (30%).

Com efeito, a presença de lâminas (5 peças) e lascas (3 peças) não-retocadas é pouco significativa (9%). Ao nível dos restos de talhe, com apenas dois registos, destaca-se a presença de um micro-buril. Os núcleos encontram-se ausentes da coleção (apesar da referência a «um núcleo de cristal» por Manuel Heleno). Algumas das peças apresentam vestígios da aplicação de tratamento térmico (por

vezes, não controlado, como visível nas fraturas de tipo *potlid* registadas no fragmento de lâmina 2015.03.110)

Utensílio	N.º	%
Furadores	1	1,25
Geométricos	24	30,00
Lamelas retocadas	1	1,25
Lâminas retocadas	1	1,25
Pontas de seta	53	66,25
Lascas retocadas	2	2,50
Total	80	100,00

Tabela 3 – Utensílios retocados identificados no conjunto lítico

Ao nível das matérias-primas utilizadas, verifica-se o claro predomínio de quartzos (43 %, entre quartzo hialino e quartzo leitoso), verificado quase exclusivamente em geométricos e pontas de seta, e, por outro lado, do sílex (38%), que aparenta ter uma utilização mais geral ao nível das categorias de indústria lítica identificadas. No que respeita especificamente ao quartzo hialino, e quando observados apenas os geométricos e pontas de seta, verifica-se uma utilização muito mais destacada na produção de pontas.

O sílex aparenta provir sobretudo da região da Estremadura Portuguesa, constituindo uma matéria-prima extrarregional. Não obstante, e numa visão geral, as matérias-primas de proveniência local e extrarregional têm uma representação idêntica no conjunto analisado (matéria debatida mais à frente).

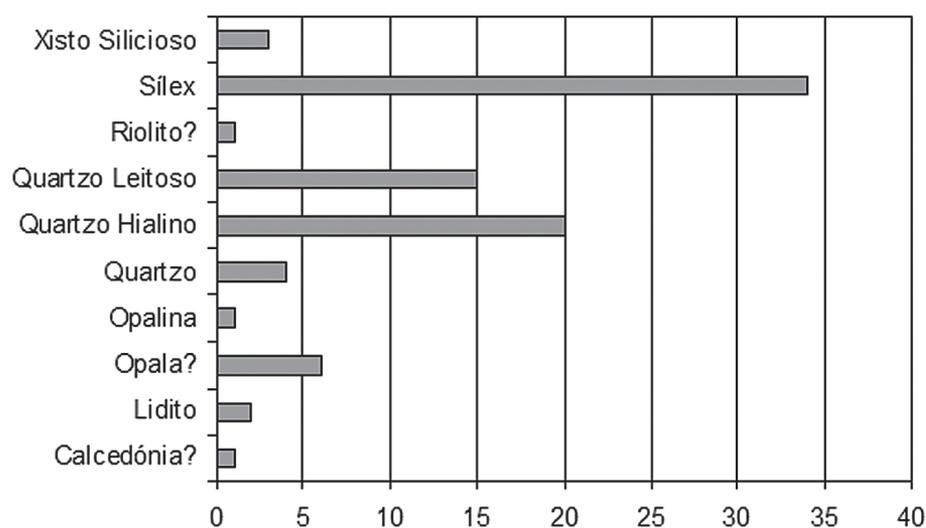


Gráfico 1 – Representação das matérias-primas no conjunto de indústria lítica de NSCO.

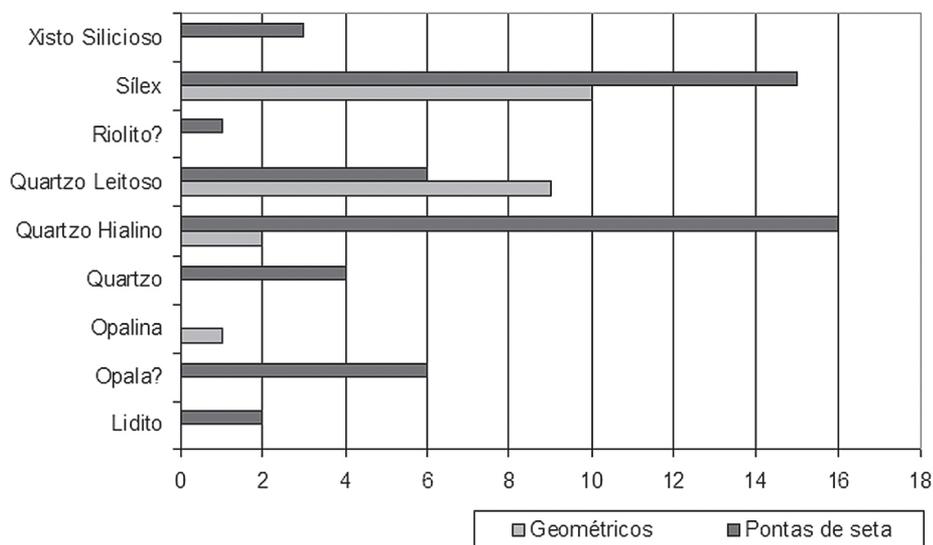


Gráfico 2 – Representação das matérias-primas no conjunto de pontas de seta e geométricos de NSCO.

2.1.1. Produtos alongados

Apesar da escassa presença de produtos alongados, as peças que fazem parte deste conjunto dizem respeito, sobretudo, a suportes não-retocados. Do conjunto total (7 registos), apenas se regista uma lamela retocada (configurando um possível esboço de ponta de seta), destacando-se a presença de lâminas, cuja largura é, ainda assim, relativamente reduzida ($15,3 \pm 4,3$ mm). A lâmina retocada (2015.03.82) (v. fig. 8 e 9) é a única que se encontra conservada integralmente nas suas dimensões, atingindo os 154 mm de comprimento e 21 mm de largura, sendo também a que apresenta o maior valor ao nível da largura.

2.1.2. Geométricos

Os 24 geométricos correspondem, na sua totalidade, a trapézios assimétricos, dos quais 9 apresentam uma pequena truncatura de delineação côncava e retoque bifacial. Em alguns exemplares, esta concavidade é acentuada (como os casos das peças 2015.03.23 ou 2015.03.25) (v. fig. 10), sugerindo uma proximidade formal às pontas de seta. A base maior apresenta frequentemente uma forma sinuosa.

Os trapézios apresentam maioritariamente uma secção trapezoidal e uma largura média de $13,5 \pm 2,0$ mm, verificando-se a utilização de lâminas estreitas como suporte para a produção destes utensílios.

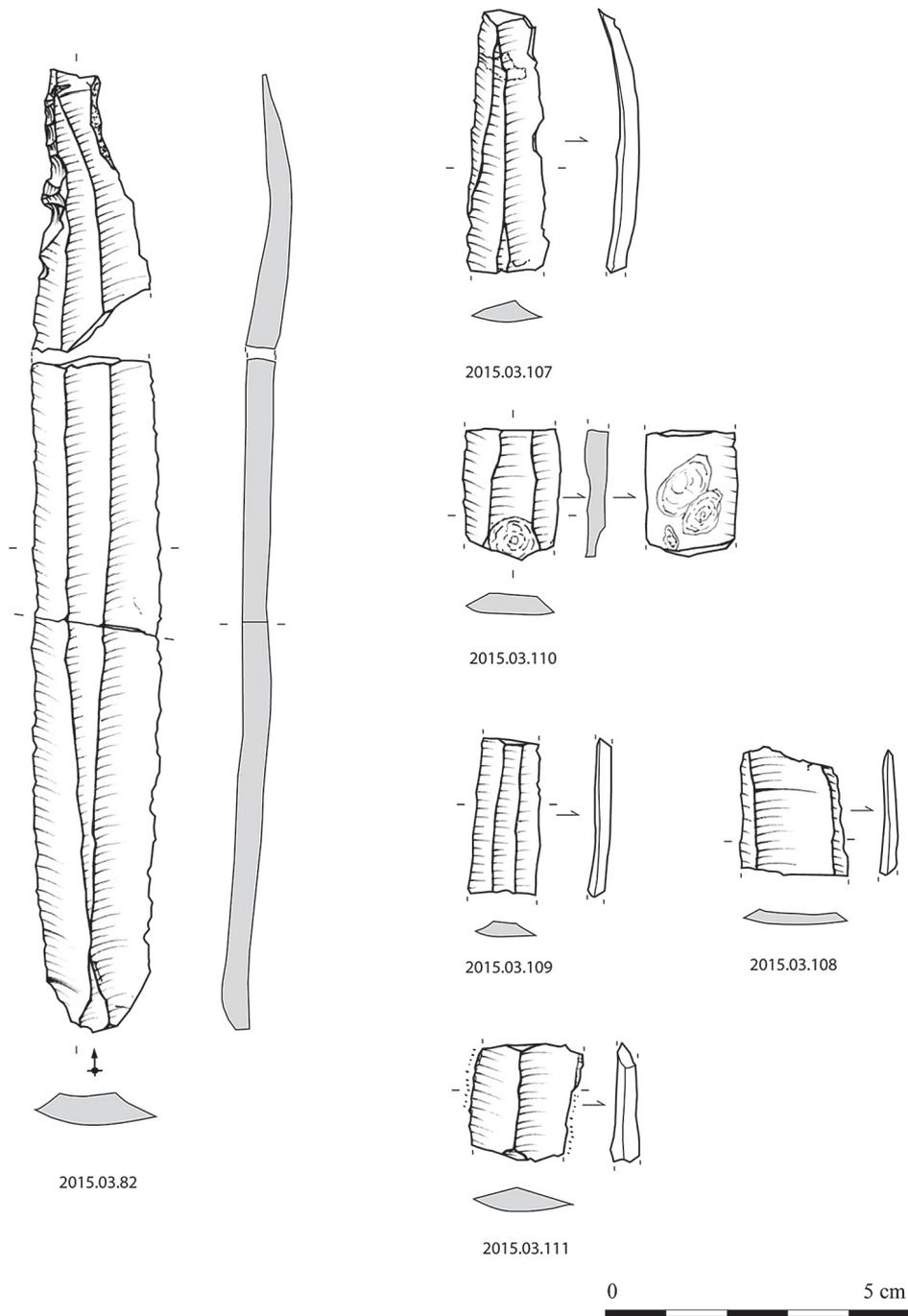


Fig. 8 – Produtos alongados recolhidos em NSCO, todos em sílex (exceto 2015.03.107, possivelmente calcedónia).



Fig. 9 – Lâmina de sílex retocada 2015.03.82 recolhida no Corredor de NSCO.

Padrões métricos	Média
Comprimento	22,0±3,7
Largura	13,5±2,0
Espessura	3,8±1,1

Tabela 4 – Padrões métricos (mm) dos trapézios inteiros de NSCO.

Ao nível da correlação comprimento-largura, os exemplares inteiros revelam uma uniformidade considerável, com comprimentos que oscilam entre os 17 e os 29 mm. As diferenças das matérias-primas não parecem ser particularmente significativas na dimensão das peças, denotando-se apenas um comprimento relativamente maior de alguns exemplares em quartzo.

Quando comparamos as dimensões dos exemplares desta anta com as de outros sepulcros já analisados, como Cabeço da Areia, Rabuje 5, Godinhos, Talha 3 (Mataloto et al., 2015), e apesar da diferença considerável ao nível do número de peças recolhidas entre alguns sítios, podemos verificar a existência de

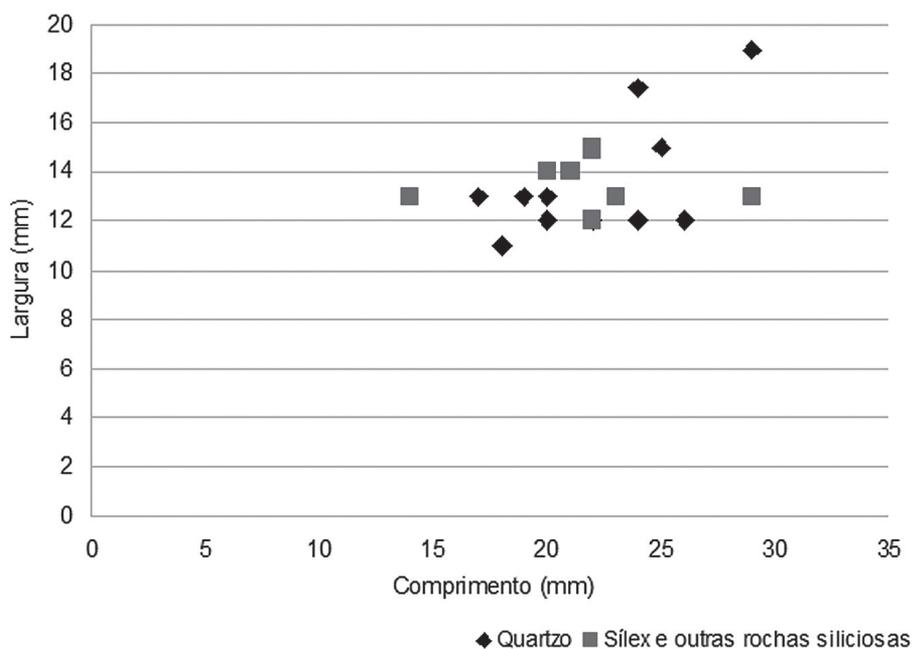


Gráfico 3 – Correlação comprimento-largura (mm) dos trapézios inteiros NSCO, por tipo de matéria-prima.

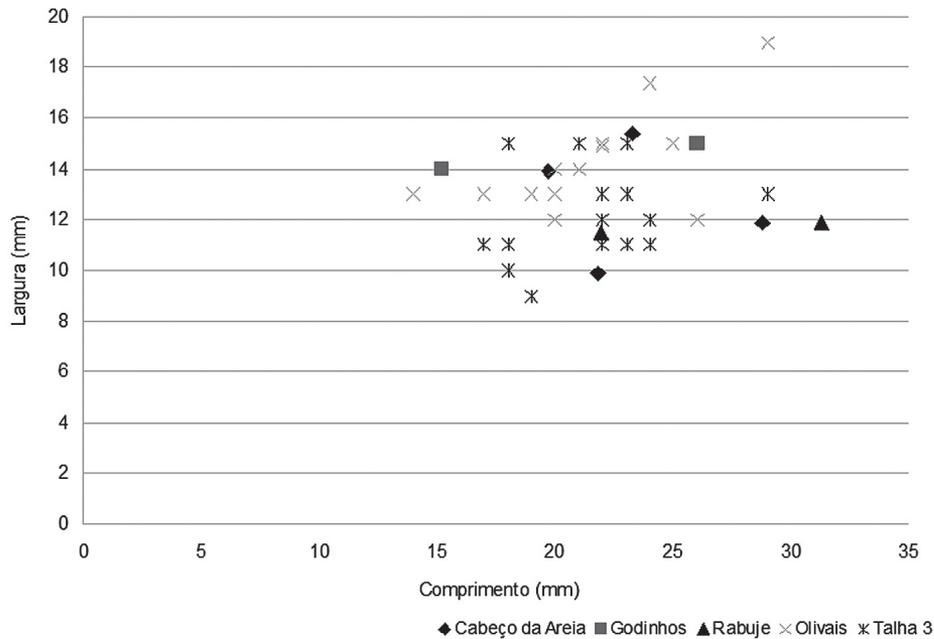


Gráfico 4 – Comprimentos e larguras comparadas dos trapézios inteiros provenientes dos sepulcros de Rabuje 5, NSCO, Godinhos, Cabeço da Areia e Talha 3.

uma uniformidade evidente ao nível das dimensões, sobretudo das larguras, o que indicia a escolha de suportes estreitos (na sua maioria de largura inferior a 16 mm) para a produção destes utensílios.

2.1.3. Pontas de seta

O conjunto de pontas de seta destaca-se pela sua relativa grande dimensão (N=53) e bom estado de conservação, encontrando-se 43 peças completas.

Ao nível tipológico, e seguindo a proposta de S. Forenbaher (1999), verifica-se uma variedade formal bastante considerável, destacando-se, contudo, a maior frequência do tipo 1.0C1, de base convexa (32%), e em muito menor grau, do tipo 1.0A0 (11%), de base reta e 2.0B0 (9%), de base côncava. Com efeito, se atendermos apenas às bases, dominam claramente as formas convexas (49%), seguidas pelas bases retas (26%). Este aspeto parece-nos de suma relevância na valorização da integração cultural das comunidades que construíram e utilizaram NSCO.

Na realidade, cremos que a Serra d'Ossa, tal como M. Calado havia já intuído (Calado, 2001), terá sido um verdadeiro território de fronteira cultural, constituindo a tipologia das pontas de seta um dos mais claros indicadores desta situação. Efetivamente, a sul da Serra d'Ossa, o domínio das bases retas e côncavas é total, sendo as pontas de seta de base convexa ou de base triangular virtualmente desconhecidas, como podemos apurar tanto em contexto habitacional no povoado de São Pedro (Redondo), com mais de 300 exemplares, como em contexto funerário,

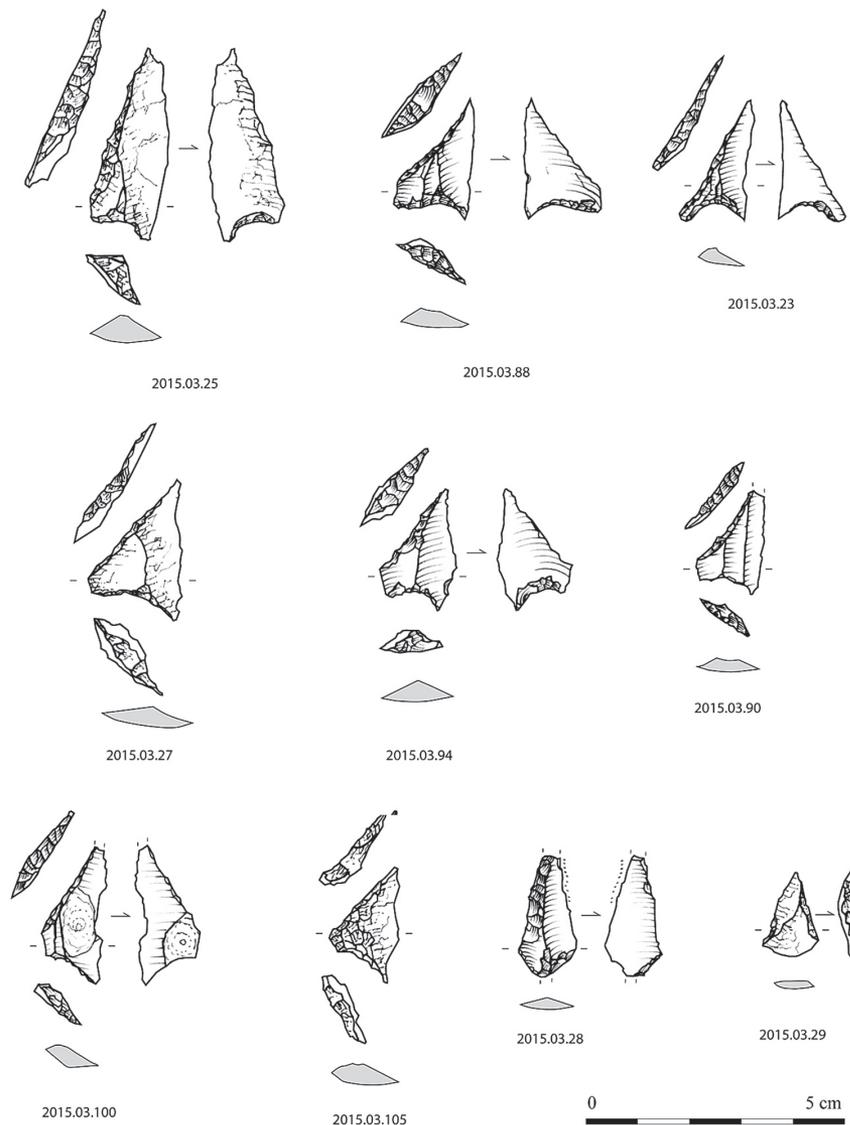


Fig. 10 – Exemplos dos geométricos recolhidos em NSCO, em sílex e quartzo. O exemplar 2015.03.28 corresponde a uma possível ponta de tipo Pedra Branca.

como se pode deduzir quer dos resultados do sepulcro do Caladinho (Redondo), com mais de 50 exemplares, ou em todo o conjunto exumado em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951), reforçado recentemente pelos resultados tanto da Anta 3 de Santa Margarida (Gonçalves, 2003), como nas antas escavadas no âmbito do plano de minimização de impactes de Alqueva, principalmente Anta 1 do Xarez (Gonçalves, 2013). Também nos sepulcros 1 e 2 dos Perdigões se constatou a mesma situação, como foi recentemente apontado (Mendonça e Carvalho, 2016, p. 39). Na Anta Grande do Zambujeiro parecem dominar as pon-



Fig. 11 – Exemplos dos geométricos recolhidos em NSCO. Em cima (da esquerda para a direita): 2015.03.96, 2015.03.88 e 2015.03.89; em baixo (da esquerda para a direita): 2015.03.95 e 2015.03.97. Todos em sílex, exceto 2015.03.96, possivelmente em calcedónia.

tas de seta de base reta, ainda que os dados apresentados sejam estranhamente lacónicos (Rocha e Santos, 2015). Apesar da grande dimensão do conjunto de pontas de seta analisado (N=53), não se observam diferenças consideráveis ao nível dos seus comprimentos e larguras consoante a matéria-prima – as peças em sílex apresentam um comprimento médio de $21,6\pm 4$ mm, enquanto as de quartzo $21,5\pm 5,3$ mm. Denota-se, ainda assim, uma relativa maior variabilidade destas dimensões nas peças em quartzo, o que deverá estar relacionado com as maiores dificuldades no talhe desta matéria-prima para a obtenção de utensílios estandardizados. Por outro lado, não deixa de ser interessante realçar que o comprimento médio do conjunto de pontas de seta inteiras ($21,6\pm 5,1$ mm) apresenta um valor muito próximo daquele verificado para os geométricos ($22,0\pm 3,7$ mm), revelando mais um aspeto da proximidade morfológica destas peças.

Padrões métricos	Média
Comprimento	$21,6\pm 5,1$
Largura	$11,5\pm 2,0$
Espessura	$2,8\pm 0,8$

Tabela 5 – Padrões métricos (mm) das pontas de seta inteiras de NSCO.

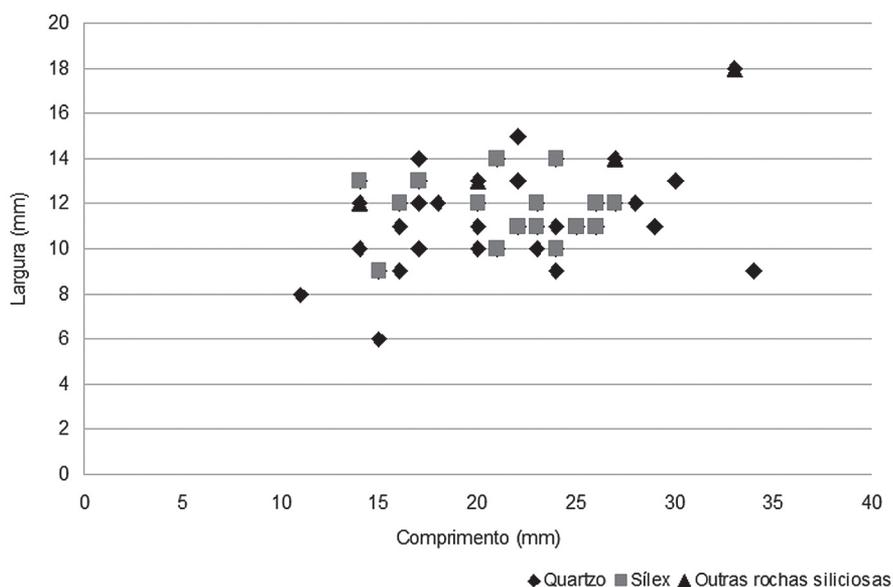


Gráfico 5 – Comprimentos e larguras (mm) comparadas das pontas de seta inteiras de NSCO, por tipo de matéria-prima.

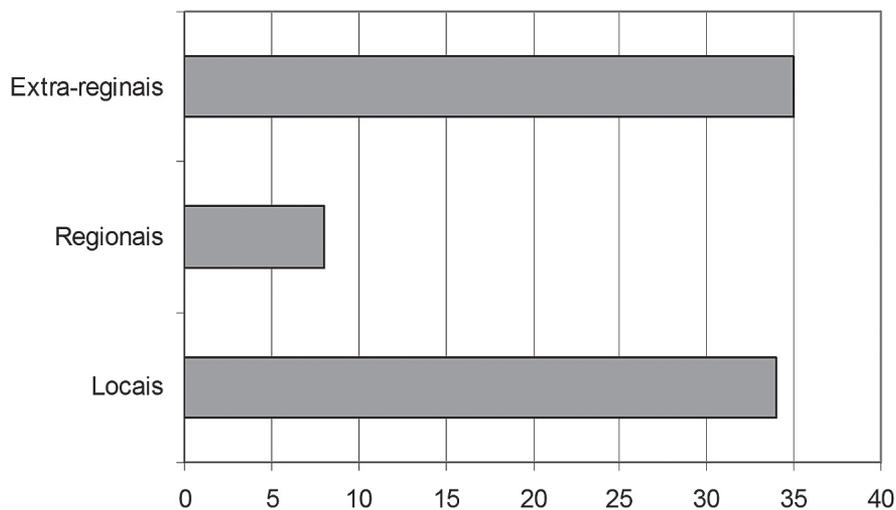


Gráfico 6 – Área provável de proveniência das matérias-primas identificadas no conjunto lítico (N=77) de NSCO.

2.1.4. Matérias-primas dos líticos talhados e seu aprovisionamento.

No que diz respeito ao aprovisionamento de matérias-primas para a produção de artefactos de pedra lascada várias observações são possíveis, com base numa avaliação macroscópica (com recurso a lupa binocular Leica MZ6) das características petrográficas das mesmas. A avaliação da origem geológica das

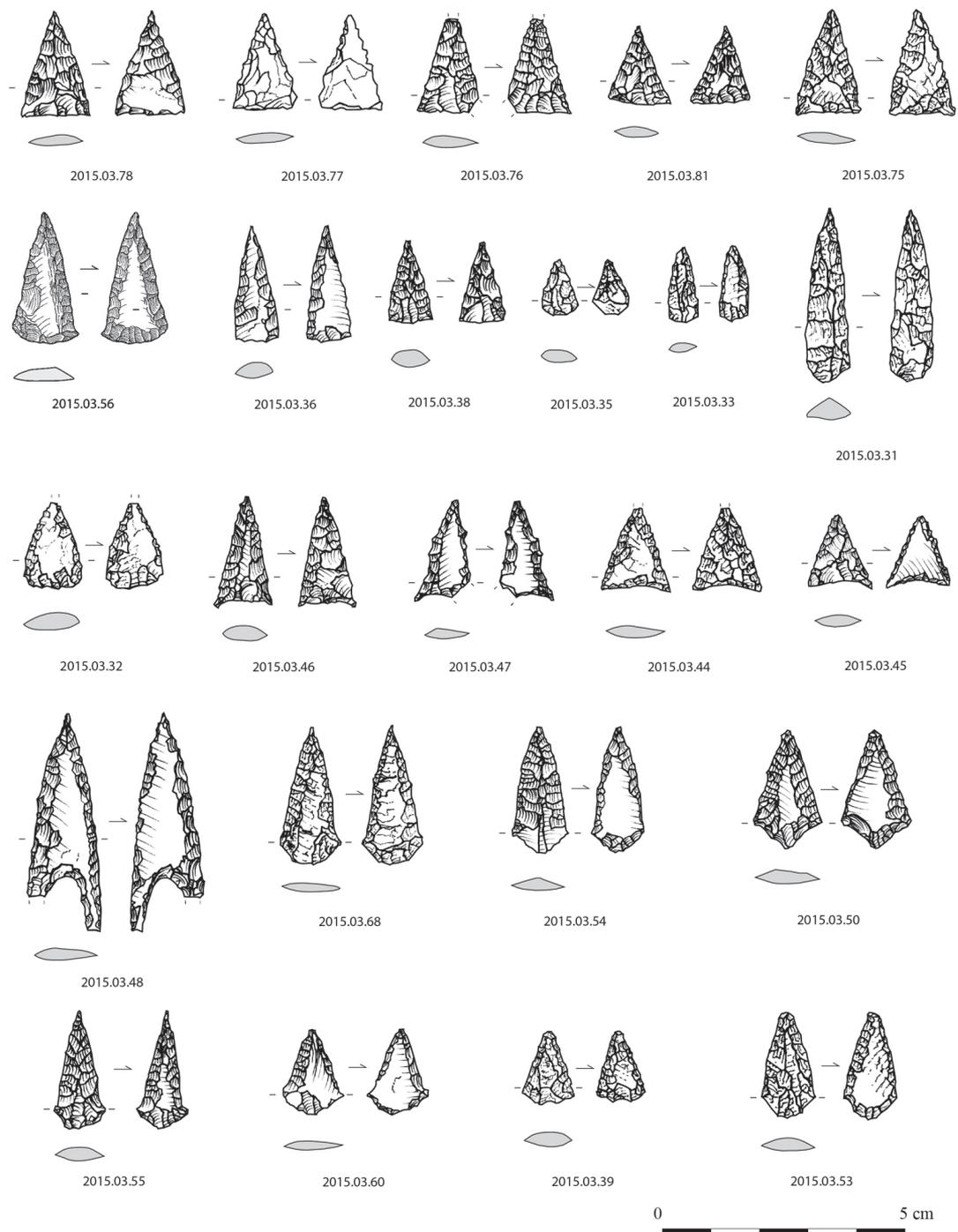


Fig. 12 – Exemplos das pontas de seta recolhidas em NSCO, em sílex e quartzo (exceto os exemplares 2015.03.77 em lidito e 2015.03.48 em xisto silicioso). O exemplar 2015.03.56 corresponde a um elemento em sílex oolítico.



Fig. 13 – Exemplos de pontas de seta de base convexa e barbelas laterais, de rocha siliciosa (opala?), sílex, quartzo hialino e quartzo leitoso, recolhidas em NSCO. Em cima (da esquerda para a direita): 2015.03.51, 2015.03.52 e 2015.03.54; em baixo (da esquerda para a direita): 2015.03.55, 2015.03.64 e 2015.03.53. À direita, o exemplar em sílex oolítico 2015.03.56.

matérias-primas para artefactos de pedra lascada de NSCO foi realizada sobre todos os artefactos disponíveis, sendo possível inferir matérias-primas de origem local, regional e extrarregional.

Alargando o esquema proposto por J.-M. Geneste (1985; 1991) para as comunidades de caçadores-recoletores, sugerimos, para o caso de NSCO (e, genericamente, para as comunidades megalíticas alentejanas), as seguintes escalas de análise, tendo em conta os padrões de mobilidade das comunidades do Neolítico final e Calcolítico:

- Aprovisionamento local – até 10 km de raio;
- Aprovisionamento regional – entre 10 e 50 km de raio;
- Aprovisionamento extrarregional – superior a 50 km de raio;

Obviamente que a definição destas escalas de análise obedece a critérios teóricos lineares, sendo assim de relativizar a sua aplicação, dependente de fatores diversos. Desde logo, há que ter em conta as fronteiras naturais existentes – destacando-se, neste caso, a Serra d’Ossa e as elevações do Anticlinal de Estremoz, óbvios condicionadores de transitabilidade. Por outro lado, há que referir que movimentações de rebanhos, expedições de caça ou outras quaisquer manobras

logísticas de pequena escala poderão atingir distâncias superiores a 10 km (e mesmo superiores a 50 km), sendo contudo sempre assumidas como atividades «locais» (em que entre a partida e a chegada à base de assentamento poderão decorrer poucos dias), podendo ter como repercussão o aprovisionamento ocasional de matérias-primas (e seu conseqüente transporte para a área residencial).

Independentemente do artefacto, é possível seriar vários tipos de matérias-primas: quartzo (distinguindo-se entre o quartzo semi-translúcido e o quartzo leitoso opaco), quartzo hialino, lidito, xisto silicioso, riólito, sílex e outras rochas siliciosas (aparentemente, calcedónia e opala).

Como matérias-primas de aprovisionamento local poderemos sugerir o quartzo e o lidito. A ocorrência destas rochas está devidamente cartografada no contexto imediato de NSCO, sob a forma de massas e filões associados a ambientes geológicos diversos. Da mesma maneira, regista-se a sua presença abundante, sob a forma de seixos rolados, nos leitos dos cursos de água desta área – sendo assim imediata a sua disponibilidade.

O mesmo se poderá dizer para o quartzo hialino, de formação em contextos magmáticos pegmatíticos ou em veios hidrotermais por precipitação química, podendo ter origem local – por vezes, presentes em volumes consideráveis, como o grande cristal da Anta do Cascalho (Estremoz 12, conjunto em estudo por MAA) ou o recolhido no Sepulcro 1 dos Perdigões (Valera, n. p.). A sua recolção em cursos de água também está atestada, segundo os exemplos dos cristais rolados recolhidos na Anta Grande da Ordem e Anta da Capela, Avis (conjuntos em estudo por MAA).

Apesar da sua ocorrência local, poder-se-á considerar igualmente o lidito como de origem regional, com diversas ocorrências cartografadas num raio superior a 10 km. Contudo, a disponibilidade local desta matéria-prima, referida acima, permite subvalorizar a sua origem mais distante. Apenas o riólito (de tonalidade verde-acinzentada, de grão fino) e o xisto silicioso (de tonalidade acinzentada e vermelho-acinzentada) poderão ser assumidos como de origem regional, com ocorrências registadas num raio entre 10 e 50 km nas áreas do Alto Alentejo (Ponte de Sor, Avis) e Alentejo Central (Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo), em contextos silúricos e ordovícicos – sendo de referir igualmente a sua ocorrência na faixa piritosa do Baixo Alentejo, podendo ser já considerada neste âmbito como de origem extrarregional.

Será igualmente de considerar a ocorrência regional de xisto silicioso nas espaldas da Serra d'Ossa, em contextos pré-câmbricos – podendo corresponder a *banded iron formations*, sugerido pela ponta de seta 2015.03.42, apresentando veios de óxidos de ferro dispostos paralelamente à laminação da rocha. Por outro lado, a potencial presença destes xistos no Sinclinal de Terena sugere igualmente a possibilidade local da sua proveniência.

O conjunto dos artefactos em sílex, sendo esta a matéria-prima assumidamente extrarregional, apresenta-se bastante homogéneo, a nível da potencial origem da matéria-prima (dentro da mesma unidade regional, mas não necessariamente do mesmo local). A larga maioria (cerca de 94%) dos sílices utilizados é genericamente de excelente qualidade, de grão-fino, apresentando escassas falhas internas. São geralmente semitranslúcidos, com uma vasta gama de tonalidades – castanho, vermelho-acinzentado, vermelho-acastanhado, rosado, bege, bege-acastanhado, cinzento (claro e escuro), cinzento-esverdeado, esbranquiçado (possivelmente alterado). A textura *mudstone* é uma característica homogénea na globalidade do conjunto, observando-se excepcionalmente algumas áreas grosseiras que poderão corresponder a zonamentos micro- e macro-quártzicos, assim como pontilhados avermelhados (óxidos de ferro), fissuras preenchidas por calcedónia e escassos vestígios bioclásticos deficientemente preservados.

Estas características são típicas das silicificações do Cenomaniano superior (Cretácico) da área da Estremadura portuguesa, sendo possível (de acordo com certas particularidades petrográficas) reconhecer sílices maioritariamente provenientes da região de Rio Maior (Azinheira e Amieira-Arruda, por exemplo) e residualmente da área de Ourém (Pederneira e Caxarias), este último principalmente evidente na lâmina 2015.03.82 (v. fig. 8 e 9). Todavia, ainda que outras potenciais áreas de aprovisionamento com características semelhantes se encontrem disponíveis, destacamos aquelas por aí se registarem oficinas de talhe do Neolítico final e Calcolítico orientadas para a produção de foliáceos e grandes lâminas (Andrade et al., 2014; Andrade e Matias, 2013; Zilhão, 1994 e 1997; Forenbaher, 1999; cf. Matias, 2012; Aubry et al., 2009 e 2014 a respeito das características petrográficas destes sílices).

Apenas dois elementos se destacam do conjunto dos sílices, apresentando características distintas. A ponta de seta 2015.03.56, de grão fino e tonalidade bege-acinzentada, apresenta textura *packstone-grainstone*, com uma alta densidade de oóides na sua estrutura. Apresenta características semelhantes àquelas registadas nas silicificações oolíticas jurássicas da área sub-bética, entre Málaga e Granada, onde se registam numerosas minas/oficinas de talhe direccionadas para a produção de lâminas e peças bifaciais, como La Venta ou Los Gallumbares (Ramos Millán et al. 1993; Martínez Fernández et al. 2006; Morgado e Lozano, 2011; Morgado Rodríguez et al., 2011).

Embora se registem igualmente calcários oolíticos nos contextos jurássicos das áreas do Barlavento Algarvio e Maciço Calcário Estremenho, a presença de silicificações com estas características petrográficas não está devidamente identificada – pelo inverso, a presença de artefactos produzidos sobre sílex oolítico potencialmente sub-bético está convenientemente documentada na área alentejana e na área contígua da Extremadura espanhola (Nocete et al., 2005; Cerrillo

Cuenca, 2009; Morgado Rodríguez et al., 2011), principalmente sob a forma de grandes lâminas ou grandes pontas bifaciais¹.

Seja como for, a sua presença está bem atestada em diversos contextos alentejanos, aspeto recentemente reforçado com o conjunto dos Perdígões (Valera, n. p.; Mendonça e Carvalho, 2016). Todavia, o registo de uma ponta de seta em sílex oolítico em NSCO poderá indiciar uma presença e consumo totalmente distinto do proposto por F. Nocete com base na circulação de grandes lâminas, enquanto elementos reveladores de um consumo sumptuário, controlado por estruturas sociais fortemente hierarquizadas (Nocete et al., 2005, p. 77). Outros autores haviam já considerado com bastante cautela as leituras político-sociais inerentes à circulação das grandes lâminas oolíticas (Cerrillo Cuenca, 2009, p. 61). Na realidade, o exemplo de NSCO poderá indiciar que a muito escassa representação desta matéria-prima, e a sua associação apenas a grandes lâminas altamente padronizadas, poderá derivar principalmente de uma contingência arqueográfica, visto serem estas as peças preferencialmente analisadas.

No entanto, como se pode comprovar pelo caso aqui em estudo, este sílex terá sido igualmente usado nouro tipo de artefactos de menores dimensões, não sendo assim apenas os grandes artefactos, como tradicionalmente aceite, os únicos a serem produzidos e intercambiados. Obviamente que se poderá sugerir que a ponta de seta 2015.03.56 (v. fig. 12 e 13) tenha sido produzida localmente sobre um segmento de lâmina de sílex oolítico reaproveitado – sendo necessário proceder a análises sobre outros conjuntos, e sobre artefactos de menores dimensões, para confirmar ou refutar esta hipótese. Por fim, resta-nos continuar a realçar que, apesar dos comentários tecidos, esta é certamente uma matéria-prima exógena, indiciadora, desde logo, da inserção das comunidades do sopé do Anticlinal de Estremoz em amplas redes de circulação de bens em todo o sul peninsular.

Contudo, os estudos petrográficos aplicados a contextos do Neolítico final e Calcolítico são ainda uma realidade relativamente recente (principalmente para o caso português) – sendo que um maior investimento nestas análises (e sobre coleções amplas e abrangentes) poderá trazer novas luzes sobre estas questões e sobre a delimitação de possíveis redes de intercâmbio.

Um outro elemento refere-se ao trapézio 2015.03.94 (v. fig. 8), usando rocha siliciosa de origem indeterminada, apresentando-se opaca, de grão fino, de tonalidade acastanhada – não sendo possível determinar a sua origem com rigor.

Em relação à calcedónia (translúcida, de tonalidade esbranquiçada com zonas negras, principalmente evidente na lâmina 2015.03.107 (fig. 8), embora

¹ Algumas das peças consideradas nestes trabalhos foram apenas avaliadas pelas fotografias genéricas disponíveis na respetiva literatura, como para o caso dos elementos apontados para Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1999), não sendo pois segura a sua avaliação e a consequente tão ampla dispersão deste tipo de sílex.

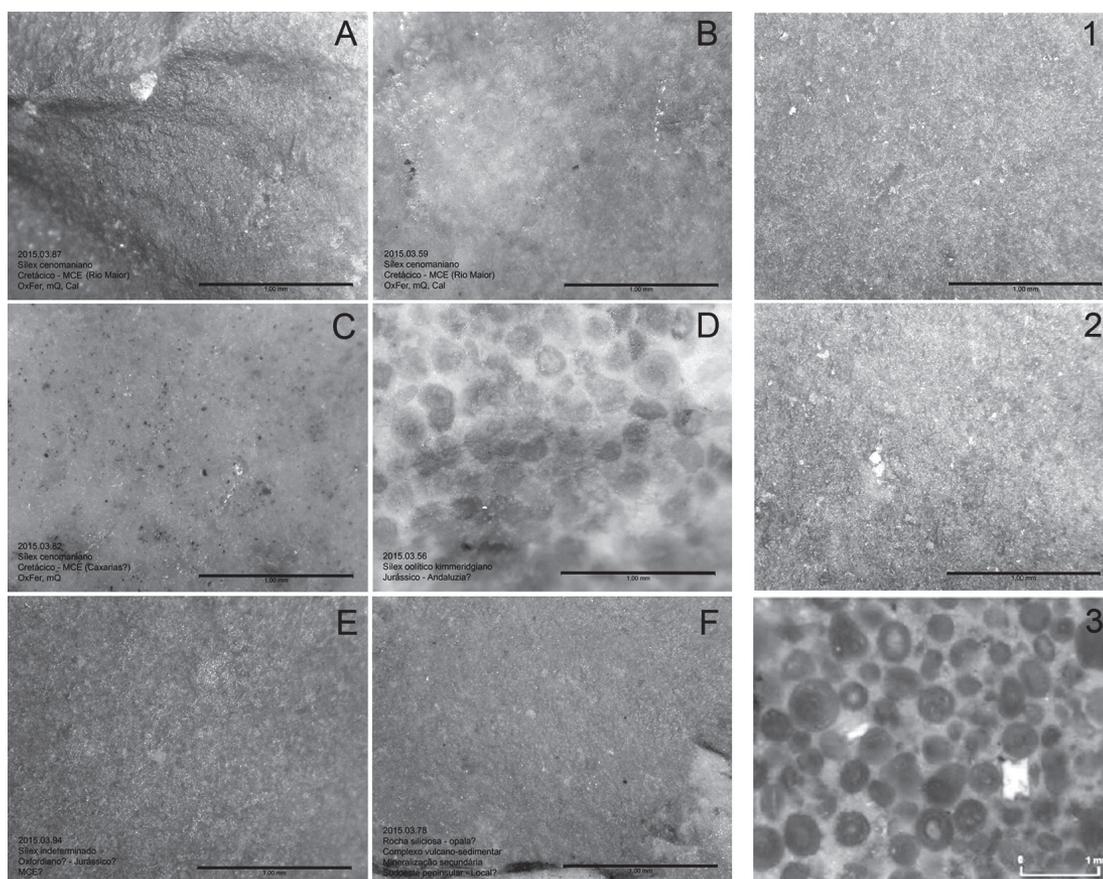


Fig. 14 – Aspecto microscópico (x200) das matérias-primas siliciosas usadas nos artefactos de pedra de NSCO. A: sílex cenomaniano (Cretácico) da área de Rio Maior, usado no furador 2015.03.87 (não representado); B: sílex cenomaniano (Cretácico) da área de Rio Maior, usado na ponta de seta 2015.03.59 (não representada); C: sílex cenomaniano (Cretácico) provavelmente da área de Ourém, usado na lâmina 2015.03.82; D: sílex oolítico com paralelos nos sílices kimmeridgianos (Jurássico) da área sub-bética, usado na ponta de seta 2015.03.56; E: rocha siliciosa indeterminada, possivelmente sílex oxfordiano (Jurássico) usado no geométrico 2015.03.94; F: rocha siliciosa (opala?), de mineralização secundária em complexo vulcano-sedimentar, usado na ponta de seta 2015.03.78. Na coluna à direita apresentam-se as amostras geológicas para comparação: 1: sílex cenomaniano (Cretácico) recolhido em posição secundária em depósitos miocénicos na área de Azinheira, Rio Maior; 2: sílex cenomaniano (Cretácico) recolhido em posição secundária em depósitos miocénicos na área de Caxarias, Ourém; 3: sílex oolítico kimmeridgiano (Jurássico) da Formação Milanos, Granada (adaptado de Morgado Rodríguez *et al.*, 2011: fig. 5.4). A escala corresponde a 1 mm.

se conheça a sua ocorrência em contextos calcários da Estremadura portuguesa e no Alentejo litoral, talvez se possa considerar a sua presença (não confirmada) em mineralizações secundárias em contextos de rochas ígneas mais próximos (complexo vulcano-sedimentar de Estremoz, por exemplo), o mesmo se podendo referir para o caso das opalas (de tonalidade salmão, com córtex esbranquiçado fino) e calcedónias (semitranslúcidas, de tonalidade branca). Poder-se-á sugerir assim tanto a sua origem regional como extrarregional.

Seja como for, dever-se-á salientar que os critérios utilizados para a análise de proveniências de matérias-primas de NSCO terão que ter em conta o carácter par-

ticular do contexto - nomeadamente, um contexto funerário, onde seriam depositados artefactos «seleccionados», podendo não refletir em rigor toda a amplitude dos diagramas de aprovisionamento da comunidade (refletidos, neste caso, no respetivo contexto habitacional).

2.2. O «chapão» ou a placa de xisto gravada

Um único elemento se enquadra na categoria dos *Artefactos Relacionados com o Sagrado*, referindo-se a uma placa gravada usando xisto ardosiano como suporte (2015.03.21) (v. fig. 15 e 17).

Apresenta contorno subtrapezoidal, oferecendo uma altura total de 12 cm para uma largura na base de 8 cm e uma largura no topo de 4,4 cm. A Cabeça apresenta 3,8 cm de altura, registando o Corpo 8,1 cm. A Cabeça encontra-se decorada com faixas oblíquas preenchidas a reticulado (três em ambos lados), convergindo dos bordos da placa para o Separador Cabeça/Corpo, sendo a «Cabeça dentro da Cabeça», de feição possivelmente triangular, formada pelas faixas mais interiores. O Corpo, separado da Cabeça por um traço simples, apresenta decoração composta por três faixas zigzagueantes preenchidas a reticulado, compartimentadas em quatro campos verticais. A espessura média desta placa é de cerca de 1 cm, apresentando perfuração bitroncocónica com 0,9 cm de diâmetro na face e 0,7 cm de diâmetro no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento (*altura total/largura da base*), de uma placa média – oferecendo um índice de 1,50.

Apresenta, no terço superior do verso, dois pares de traços oblíquos sensivelmente paralelos convergindo das áreas laterais para a área central da placa, podendo corresponder a um possível ensaio de gravação da Cabeça. Os restantes traços registados no verso (sensivelmente verticais) referem-se a traços resultantes do polimento da peça (v. fig. 15).

Encontra-se fragmentada em várias porções, resultado do impacto de ferramenta pesada durante a escavação – mostrando um extenso buraco no seu espaço central, na área do Separador Cabeça/Corpo.

Em termos analíticos, esta placa não oferece evidente destaque no cômputo geral das placas de xisto gravadas, apresentando motivos decorativos de certa forma comuns dentro da iconografia genérica destes artefactos (Andrade, 2015). Trata-se assim de uma placa clássica, com numerosos paralelos distribuídos por todo o sudoeste peninsular, em sepulcros construídos e utilizados durante os finais do 4.º e a primeira metade do 3.º milénio a.n.e. – sepulcros estes que apresentam igualmente características morfo-arquitetónicas distintas, tais como *antas*, *tholoi*, grutas artificiais e grutas naturais.

Contudo, não poderá deixar de ser referida as semelhanças entre a placa 2015.03.21 (fig. 15 e 17) e as placas de Lameira (Andrade, 2013), Camuge (Leisner e Leisner, 1959), Olival da Pega 1 (Leisner e Leisner, 1951) e Aljezur (Gonçalves,

2003). Embora se possam evocar numerosos paralelos de placas com este tipo específico de decoração da Cabeça, assim como placas com este tipo específico de decoração do Corpo, as semelhanças com os elementos acima enunciados é principalmente evidente na leitura conjunta do *design* da Cabeça e do Corpo (ou seja, na conjugação, num artefacto individual deste tipo de Cabeça e deste tipo de Corpo).

Particularmente interessante é a sua comparação com a placa da anta da Lameira, Alter do Chão: para além de algumas divergências morfológicas, obviamente dependentes das dimensões do suporte após conformação, salientam-se as analogias do contorno de ambos artefactos e do conceito estruturante dos motivos decorativos, assim como o tipo de traço das gravações e as próprias características geológicas do xisto utilizado.

No entanto, o principal interesse da placa 2015.03.21 encontra-se nos dois pares de traços oblíquos sensivelmente paralelos gravados no terço superior do verso (v. fig. 15), que poderão corresponder a um possível ensaio de gravação do motivo que viria a ser gravado na face (na área da Cabeça, esboçando a «Cabeça dentro da Cabeça» representada pelas duas faixas oblíquas interiores). Não se tratando de um caso inédito, sendo reconhecida em vários exemplares de placas de xisto gravadas, esta particularidade revela um esquema prévio de representação por parte do gravador, antecipando a gravação original da face por meio do seu ensaio no verso do suporte.

É referido por Manuel Heleno que esta placa foi recolhida na Câmara, à profundidade de 0,30 m. A sua associação contextual com outro qualquer elemento



Fig. 15 – Placa de xisto gravada 2015.03.21 (face e verso), recolhida na Câmara de NSCO.

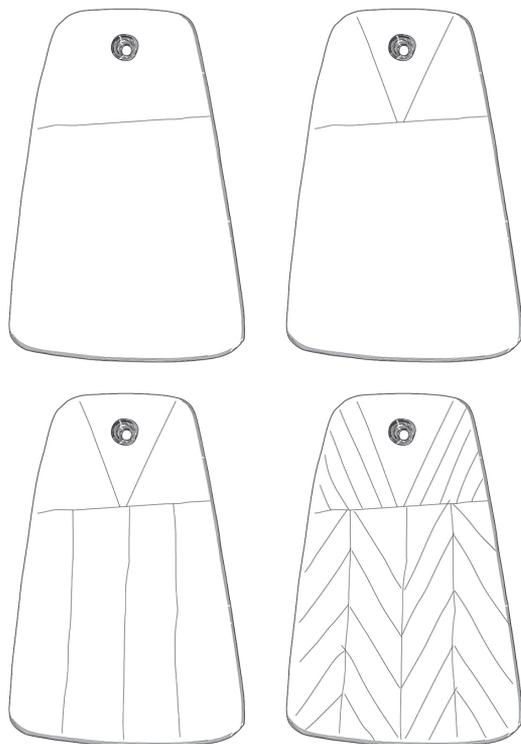


Fig. 17 – Placa de xisto gravada 2015.03.21 (face e verso), recolhida na Câmara de NSCO.

Fig. 16 – Paginação estruturante da placa de xisto gravada 2015.03.21, recolhida na Câmara de NSCO.

não é explícita, sendo referida genericamente a recolha neste ambiente de geométricos, pontas de seta, lâminas, «martelos» e contas de colar, sem qualquer referência à posição horizontal ou vertical destes elementos e respetivas associações entre si.

2.3. Adornos ou contas de colar

De acordo com as notas de Manuel Heleno foram recolhidas cerca de 114 contas de colar, distribuídas pela Câmara (100 elementos) e pelo Corredor (14 elementos), referindo tanto contas bitroncocónicas (designadas como «bicónicas») e discoides (designadas como «em forma de roda», considerando as discoides espessas como «cilíndricas»).

No espólio atualmente arrolado a NSCO no Museu Nacional de Arqueologia encontra-se um total de 148 contas de colar, de tipologia e matérias-primas variadas (v. fig. 18 e 19). Apesar das referências de proveniência de certas contas a ambientes específicos dentro do monumento, não é possível reconhecer (por carência de registos mais precisos) que artefactos pertencem efetivamente a que contexto. Principalmente em relação aos elementos de moscovite² (as «bicónicas verdes» e «negras» de Manuel Heleno), estas são indicadas como recolhidas tanto no Corredor como na Câmara – sendo impossível definir, dado apresentarem

² Segundo informação oral de C. Odriozola, que agradecemos.

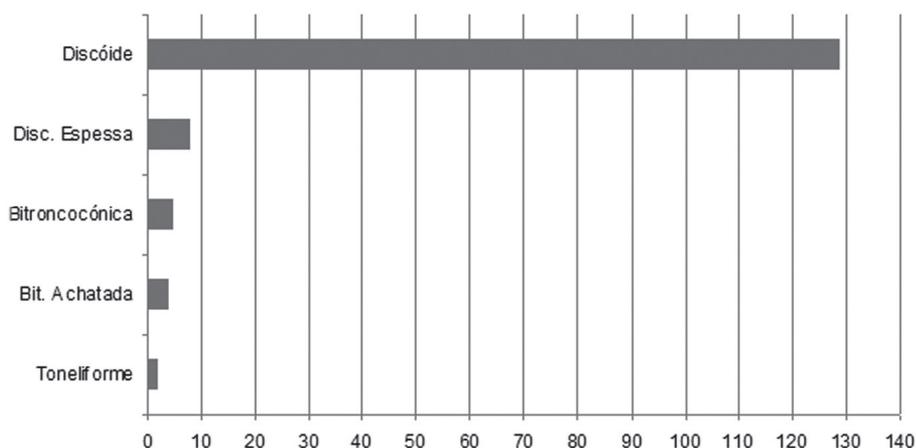


Gráfico 7 – Relação da tipologia dos elementos de colar de NSCO: discóides, discóides espessos, bitroncocónicas, bitroncocónicas achatadas e toneliformes.

características tipológicas semelhantes, a que elementos particulares se referem estas indicações. Seja como for, mesmo tendo em conta esta diferença de valores entre o registado e o presente, é possível inferir uma particular incidência destes elementos na Câmara, podendo os elementos registados no Corredor corresponder ao reuso tardio do monumento.

Assim, em termos de tipologia, os elementos de colar de NSCO repartem-se entre diversos modelos. As pequenas contas discóides, mais numerosas, encontram-se representadas por 129 elementos (87,16%), sendo que a variante das contas discóides espessas (por vezes quase aproximando-se de bitroncocónicas achatadas, pela geometria do seu perfil) se encontra representada por oito indivíduos (5,41%). Elementos com características tipológicas menos comuns (matéria debatida abaixo) encontram-se representados pelas contas bitroncocónicas (cinco elementos, correspondendo a 3,38%), bitroncocónicas achatadas (quatro elementos, correspondendo a 2,70%) e toneliformes/ovoides (dois elementos, correspondendo a 1,35%).

Em termos métricos, e de acordo com a relação diâmetro/espessura, é possível seriar estes elementos em vários grupos. No grupo das contas discóides é possível diferenciar duas categorias particulares: uma primeira, representada pelas pequenas contas com diâmetros dispostos em torno aos 0,5 cm e espessuras inferiores a 0,25 cm; uma segunda, representada pelas contas com diâmetros distribuídos entre 0,65 e 0,95 cm e espessuras entre 0,25 e 0,35 cm. O grupo das contas discóides espessas apresenta valores centrados entre 0,8 e 1 cm de diâmetro e espessuras em torno aos 0,5 cm. Estas aparentes «uniformidades» métricas poderão refletir apenas as técnicas de produção usadas nestas contas, possivelmente pela conformação prévia de cilindros alongados, posteriormente segmentados

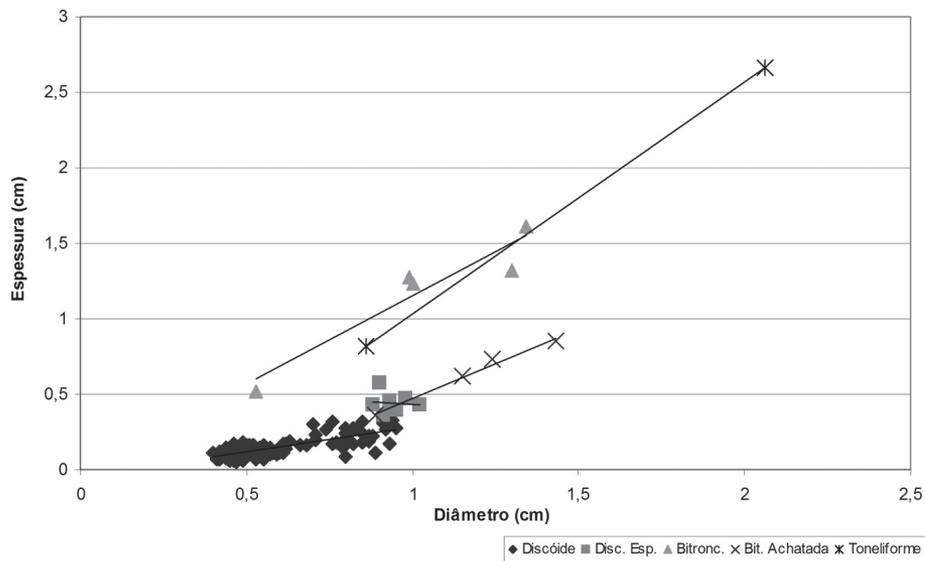


Gráfico 8 – Relação da dimensão (diâmetro x espessura) dos elementos de colar de NSCO, por tipologia: discóides, discóides espessos, bitroncocónicas, bitroncocónicas achatadas e toneliformes, com indicação linear das suas variantes métricas.

em múltiplos elementos – explicando-se assim os padrões muito homogêneos no diâmetro destas contas.

Maiores variações são notórias nos grupos das contas bitroncocónicas (entre 0,55 e 1,35 cm de diâmetro, para espessuras entre 0,5 e 1,6 cm), bitroncocónicas achatadas (entre 0,9 e 1,45 cm de diâmetro, para espessuras entre 0,35 e 0,85 cm) e toneliformes (entre 0,85 e 2,1 cm de diâmetro, para espessuras entre 0,8 e 2,65 cm), registando-se visíveis discrepâncias de dimensão dentro de um mesmo tipo, possivelmente condicionadas pela matéria-prima utilizada.

As matérias-primas utilizadas no fabrico dos elementos de colar de NSCO (e a consequente avaliação das suas áreas de proveniência) encontram-se atualmente em estudo no âmbito do projeto *Novas Tecnologias Aplicadas ao Estudo da Mobilidade e Intercâmbios: Contas Verdes e Cerâmica decorada com preenchimento branco do 5.º ao 2.º milénio a.n.e. na Península Ibérica* (codirigido por um dos signatários, RB, em colaboração com C. Odriozola, R. Villalobos Garcia e A. C. Sousa), sendo ainda preliminares os dados aqui apresentados.

A matéria-prima dominante é manifestamente o xisto, usado em 134 elementos (90,54% do conjunto) correspondendo maioritariamente a pequenas contas discóides (com uso minoritário em contas discóides espessos e bitroncocónicas achatadas). Uma variante de xisto, de tonalidade esverdeada (possivelmente xisto anfibólico) é usada num único elemento, correspondendo a uma conta bitroncocónica achatada.

As moscovites, nas variantes de tonalidade esverdeada e negra (v. fig. 19), encontram-se usadas em nove elementos (correspondendo a 6,08% do con-

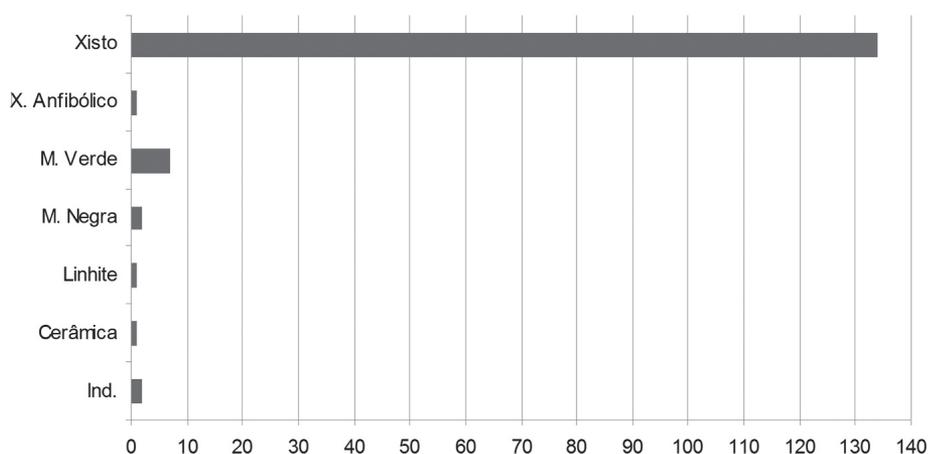


Gráfico 9 – Relação da matéria-prima dos elementos de colar de NSCO: xisto, xisto anfibólico, moscovite (distinguindo-se pela sua tonalidade, verde e negra), lignite, cerâmica e matéria indeterminada.

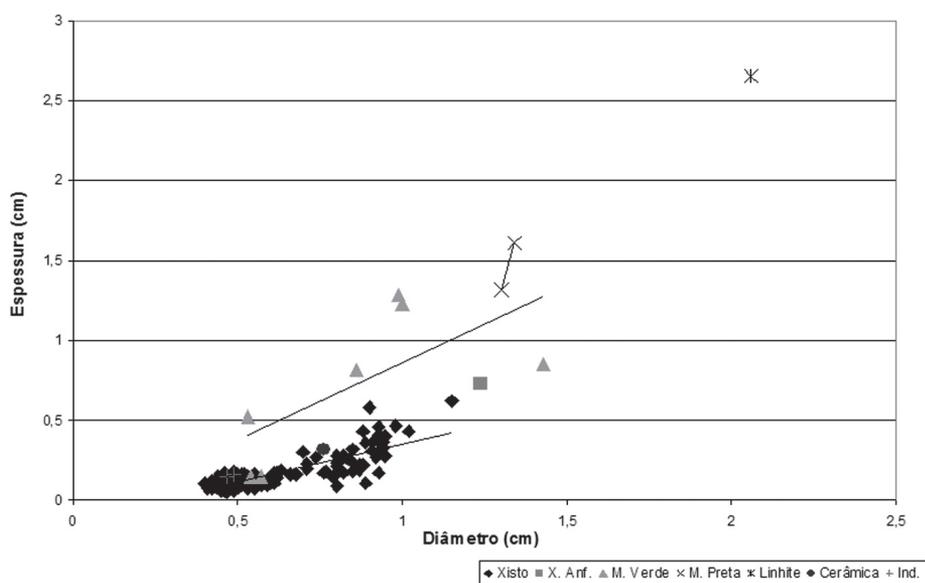


Gráfico 10 – Relação da dimensão (diâmetro x espessura) dos elementos de colar de NSCO, por matéria-prima: xisto, xisto anfibólico, moscovite (distinguindo-se pela sua tonalidade, verde e negra), lignite, cerâmica e matéria indeterminada, com indicação linear das suas variantes métricas.

junto), principalmente de tendência bitroncocónica (2015.03.07, 2015.03.08, 2015.03.07, 2015.03.10, 2015.03.11 e 2015.03.13), mas registada igualmente numa conta bicroncocónica achatada (2015.03.09), numa conta toneliforme (2015.03.14) e em duas pequenas contas discoides. Estes elementos foram recolhidos tanto na Câmara como no Corredor de NSCO.

Outras matérias-primas, como lignite e cerâmica, encontram-se representadas por elementos únicos (0,68 % do conjunto para ambos casos): o lignite

está representado por uma grande conta toneliforme recolhida no Corredor (2015.03.12) (v. fig. 18 e 19); no caso da cerâmica, uma pequena conta discoide semelhante a outras recolhidas em outros monumentos da área de Estremoz, como na Anta 2 de Oiteirões (Estremoz 10), Cascalho (Estremoz 12) ou Espadanal (Estremoz 13) (conjuntos em estudo por MAA). Será de destacar o caráter de certo modo raro das contas de lignito em contextos alentejanos (presentes, por exemplo na Anta Grande da Comenda da Igreja), contrastando com a sua considerável presença na área estremenha – podendo revelar, como se viu acima para os artefactos líticos talhados, a circulação não apenas de matérias-primas, como também de artefactos. Registam-se ainda duas pequenas contas discoides usando matéria-prima indeterminada, de tonalidade esbranquiçada, pouco densa, sendo possivelmente osso.

Como referido acima, as diferenças de dimensão destes elementos dentro de um mesmo grupo poderão estar dependentes da matéria-prima usada. Sendo evidente que o xisto é utilizado quase exclusivamente nas contas com diâmetros

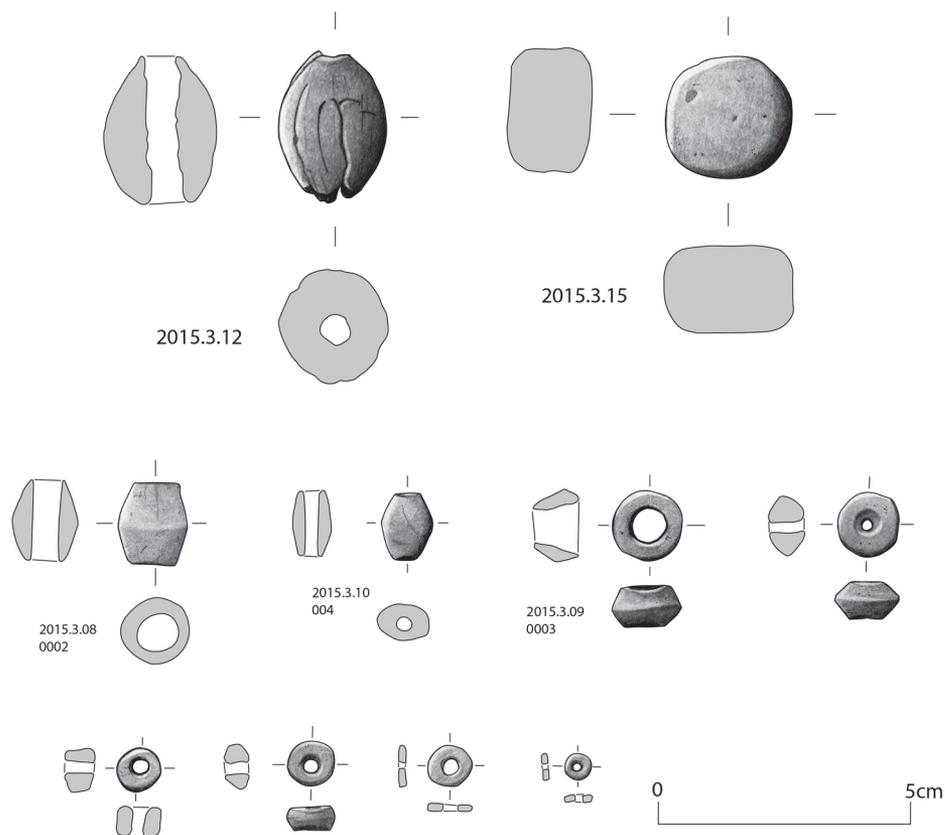


Fig. 18 – Exemplos dos elementos de adorno de NSCO. O exemplar 2015.03.12 corresponde à grande conta toneliforme de lignito recolhida no Corredor. À direita, em cima, representa-se o cilindro achatado de cerâmica 2015.03.15.



Fig. 19 – À esquerda: contas de colar (bitroncocónicas, bitroncocónica achatada, toneliforme e discoides achatadas) de moscovite (de tonalidade negra e esverdeada), recolhidas NSCO (em cima, da esquerda para a direita, 2015.03.08, 2015.03.07 e MNA 2015.03.10; em baixo, da esquerda para a direita, 2015.03.09, 2015.03.11, 2015.03.13 e 2015.03.14); à direita: contas de colar (bitroncocónicas achatadas, discoides espessas e discoides), recolhidas em NSCO, em xisto anfibólico (primeira à esquerda na fiada superior), cerâmica (última na fiada inferior) e xisto (as restantes); em baixo à direita: conta de colar toneliforme de lignito 2015.03.12, recolhida no Corredor de NSCO.

maioritariamente situados entre 0,4 e 0,9 cm e com espessuras raramente excedendo 0,4 cm; as restantes matérias-primas apresentam padrões mais variáveis. A moscovite, por exemplo, é utilizada tanto em pequenas contas discoides como em contas bitroncocónicas de pequena e média dimensão, não se notando assim um padrão de fabrico homogéneo com dimensões dispostas entre 1,55 e 0,54 cm (2015.03.08 e 2015.03.13, respetivamente). O lignito por seu lado, foi destinado a uma grande conta toneliforme (2015.03.12) – opondo-se ao outro elemento toneliforme recolhido em NSCO, de moscovite, de dimensões consideravelmente menores (2015.03.14).

Tendo em vista outros conjuntos coevos, com potencialidade de tratamento estatístico, a situação de NSCO insere-se perfeitamente no seu respetivo contexto cronocultural. Tomando os exemplos da Anta da Capela (487 componentes de colar; coleção em estudo por MAA), Anta 1 do Xarez (209 componentes de colar; Gonçalves, 2013, p. 210-221) e Anta 3 de Santa Margarida (126 componentes de colar, Gonçalves, 2003, p. 123-131, 230-234), verifica-se um predomínio evidente das pequenas contas discoides – correspondendo a 96,09 % do conjunto na Anta

da Capela, 92,34% na Anta 1 do Xarez, 76,19% na Anta 3 de Santa Margarida e 87,16% em NSCO. O grupo das contas discoides espessas encontra-se contudo representado por escassos elementos, com registos distribuídos entre 1,91 e 5,41% (Anta 1 do Xarez e NSCO, respetivamente; na Anta da Capela e na Anta 3 de Santa Margarida os valores correspondem a 2,05% e 4,76%).

Os restantes tipos distribuem-se igualmente com padrões semelhantes, destacando-se um número sensivelmente superior de contas bitroncónicas achatadas na Anta 3 de Santa Margarida (17,46%) em relação aos outros contextos (1,03% na Anta da Capela, 3,83% na Anta 1 do Xarez e 2,70% em NSCO). O número efetivamente reduzido de contas bitroncónicas e toneliformes será igualmente de destacar. O primeiro tipo encontra-se representado em 0,21% do conjunto na Anta da Capela, 0,96%, na Anta 1 do Xarez, 1,59% na Anta 3 de Santa Margarida e 3,38% em NSCO; o segundo tipo encontra-se representado em 0,62% do conjunto na Anta da Capela, 0,96% na Anta 1 do Xarez e 1,35% em NSCO, não se registando na Anta 3 de Santa Margarida.

Com efeito, estas grandes contas bitroncónicas e toneliformes surgem sempre como uma minoria em relação às pequenas contas discoides. Tal facto poderá indicar que «poderiam ter sido usadas como elemento central dos colares ou braceletes, o que explicaria a enorme desproporção entre elas e as contas discoides» (Gonçalves, 2013, p. 221).

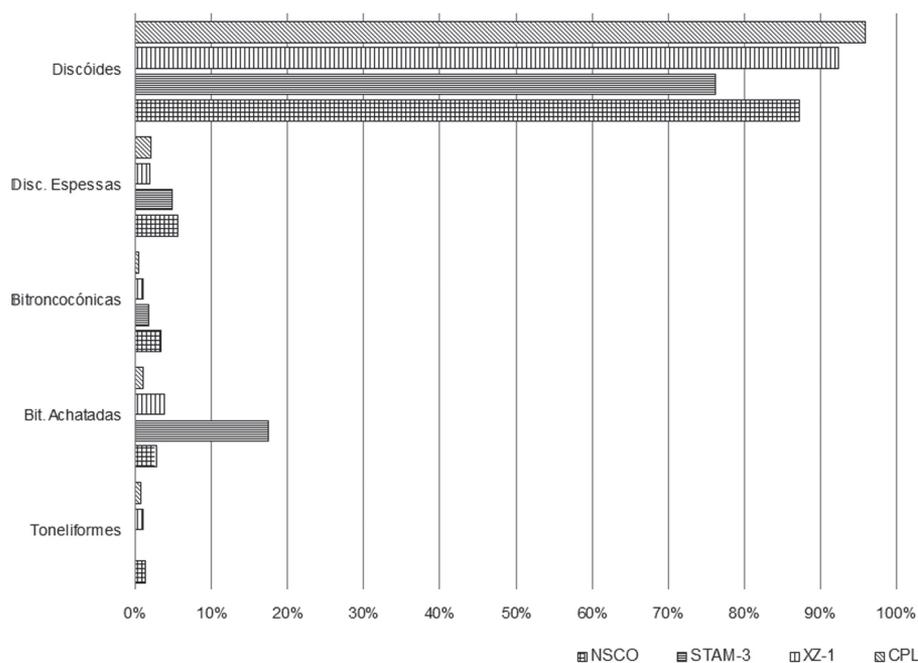


Gráfico 11 – Comparação percentual das tipologias dos elementos de colar da Anta da Capela (CPL), Anta 1 do Xarez (XZ-1), Anta 3 de Santa Margarida (STAM-3) e Anta da Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (NSCO).

Também em relação às matérias-primas a situação mostra-se sensivelmente idêntica nestes conjuntos, registando-se uma ampla utilização do xisto na produção de elementos de colar (principalmente destinado às pequenas contas discoides e algumas bitroncocónicas achatadas e discoides espessas). Talcos e moscovites³ encontram-se utilizados em contas bitroncocónicas, bitroncocónicas achatadas, discoides espessas e toneliformes. A cerâmica, minoritária, encontra-se utilizada em contas bitroncocónicas, na Anta da Capela e na Anta 3 de Santa Margarida. A variscite encontra-se até ao momento apenas representada por um exemplar da Anta da Capela. Outras matérias-primas exóticas, como o marfim, encontram-se representadas na grande conta toneliforme da Anta da Capela (Schuhmacher et al., 2009; Cardoso e Schuhmacher, 2012).

2.4. A pedra polida

Estes elementos encontram-se escassamente representados no conjunto, dispondo-se de três exemplares de artefactos de pedra polida e um quarto correspondendo a um artefacto de pedra afeiçoada, um movente de rocha granitoide, a que deveríamos acrescentar o dormente de uma mó, e dois fragmentos de outras, remetidos para Lisboa sem designação, como nos informa Manuel Heleno na primeira página do seu Caderno n.º 3 de Estremoz (1934).

Os três artefactos de pedra polida não são passíveis de classificação morfológica, na justa medida em que os gumes não se conservaram, devido a uma utilização bastante agressiva de martelagem (v. fig. 20). Na realidade, o próprio Manuel Heleno os designou de «martelos».

Dois dos elementos polidos são em anfibolito, de maiores dimensões, enquanto outro, (2015.03.18), de pequenas dimensões e correspondendo possivelmente a uma pequena enxó, se apresenta numa rocha mais branda, que poderemos designar de xisto anfibólico.

A presença de artefactos de pedra polida com traços de uso intenso é complexa de explicar no imediato, dada a sua efectiva raridade em contexto funerário, ao invés do que acontece nos sítios de habitação (Boaventura, 2009, p. 247). Todavia, e se nos recordarmos da presença de um grande elemento de tear, temos assim indícios de uma presença de cariz habitacional, que se afasta do registo habitual. A natureza desta presença é, contudo, difícil de precisar, podendo mesmo resultar de outras utilizações pré-históricas. A existência de dormentes de mós, ainda que usuais nas estruturas funerárias, que não nos contextos de depo-

³ As análises dos componentes de colar das antas de NSCO e Capela foram realizadas no âmbito do projeto *Novas Tecnologias Aplicadas ao Estudo da Mobilidade e Intercâmbios: Contas Verdes e Cerâmica decorada com preenchimento branco do 5.º ao 2.º milénio a.n.e. na Península Ibérica*, tendo-se identificado elementos de talco, moscovite e um único de variscite, proveniente da anta da Capela (seg. informação oral de C. Odriozola, a quem se agradece).

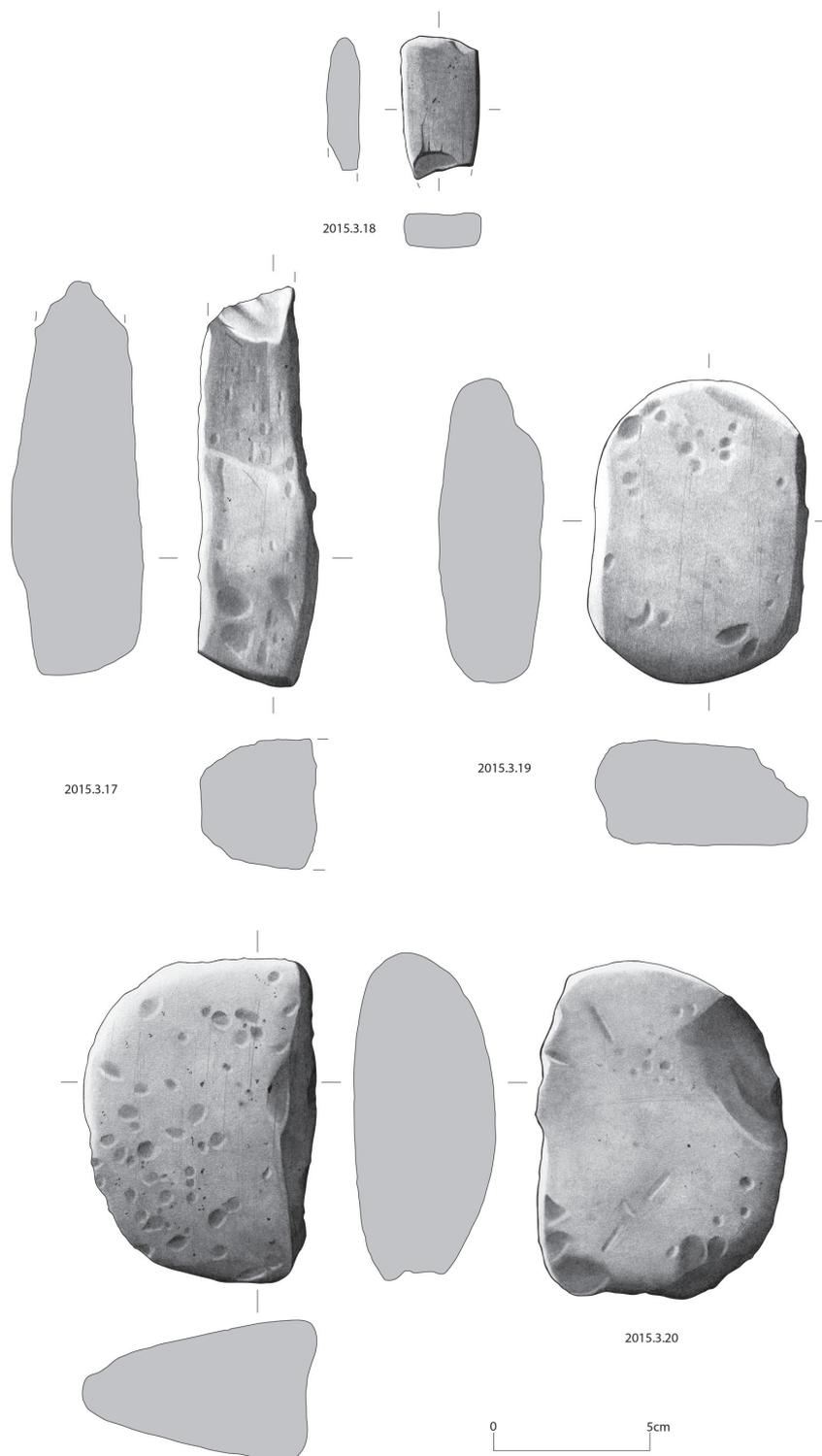


Fig. 20 – Artefactos de pedra polida e pedra afeiçãoada de NSCO. Em cima 2015.03.18; ao centro, «martelos» 2015.03.17 e 2015.03.19; em baixo, movente 2015.03.20.

sição funerária, não deixa de remeter no mesmo sentido.

A pedra polida parece rarefazer-se entrado o 3.º milénio a.n.e. (Boaventura, 2009, p. 256), pelo que a sua escassez pode entender-se neste sentido, ainda que o conjunto artefactual tenha, igualmente, alguns indicadores de maior antiguidade. Em monumentos como o Caladinho (Mataloto e Rocha, 2007) ou o sepulcro da Alcarapinha (Leisner e Leisner, 1959), com marcadas semelhanças, os mesmos estão igualmente pouco representados.

2.5. A componente cerâmica

A presença cerâmica é relativamente escassa, sendo obviamente dominada pelos dois grandes recipientes encontrados completos junto do corpo sepultado no corredor.

Além destes dois casos, Manuel Heleno apenas menciona um «peso de barro» partido, e nada mais, ainda que tenhamos registado a presença de vários outros pequenos fragmentos de bordo e bojo no conjunto estudado. Estes correspondiam, certamente, a três recipientes distintos, sendo um deles (2015.03.03) (v. fig. 22), com clareza, um vaso campaniforme liso, baixo, de carena marcada e reduzido diâmetro, aproximando-se bastante do perfil da grande taça. Outro dos fragmentos cerâmicos com bordo correspondia a uma pequena taça hemisférica, de bordo simples e reduzida dimensão (2015.03.05) (v. fig. 23). Por fim, o fragmento de bordo restante correspondia a uma pequena taça carenada, de carena baixa (2015.03.04) (v. fig. 23). Como Manuel Heleno não os menciona, desconhecemos a sua proveniência. Neste âmbito gostaríamos ainda de fazer menção a uma outra situação que poderá ter estado na base da confusão gerada entre as Antas 7 e 10 de Estremoz (Bübner, 1979; Mataloto, 2006, p. 97). Este primeiro autor atribuiu a Estremoz 10, correspondente à Anta 2 dos Oiteirões, escavada igualmente em setembro de 1934 (Caderno 3 de Estremoz), a presença de vestígios campaniformes não especificados. No entanto, na sequência da leitura dos cadernos de campo de Manuel Heleno, aventou um de nós (RM) a possibilidade destes vestígios estarem incorretamente atribuídos a Estremoz 10, quando na realidade deveriam corresponder a Estremoz 7, justamente a que aqui estudamos (Mataloto, 2006, p. 97). Efetivamente, assim continuamos a crer. Contudo, no âmbito do estudo que um de nós (MAA) está a levar a efeito sobre os sepulcros da região de Estremoz/São Bento do Cortiço, verificou-se a existência de um grande fragmento de uma taça baixa campaniforme (v. fig. 25), atribuído à Anta 10, podendo estar na origem da informação de T. Bübner (1979). No entanto, a leitura do caderno de campo 3 de Estremoz, onde se descreve a escavação e achados de Estremoz 10 ou Anta 2 dos Oiteirões, apesar de uma pormenorizada descrição dos trabalhos e do sepulcro, nomeadamente de um nicho documentado no seu interior, não refere qualquer cerâmica.

Por outro lado, junto dos materiais cerâmicos atribuídos a Estremoz 10 na antiga arrumação do Museu Nacional de Arqueologia estava um envelope que tinha escrito “Estremoz 7”, podendo indiciar, então, que os materiais cerâmicos aí reunidos seriam na realidade deste sepulcro, na justa medida em que, como se referiu, não são mencionadas quaisquer cerâmicas em Estremoz 10. Assim, a presença de outro recipiente campaniforme liso seria mais facilmente aceite no conjunto de Estremoz 7 (NSCO), que num sepulcro em que Manuel Heleno não refere qualquer recipiente. Todavia, e realçando o facto de Manuel Heleno não mencionar no seu caderno de campo todos os fragmentos cerâmicos recolhidos na NSCO, devemos manter sob reserva a atribuição deste exemplar de Estremoz 10 a NSCO.

Sabemos pela descrição de Manuel Heleno que o fragmento de um elemento de tear, de tipo crescente, surgiu na área do corredor. Este elemento de tear enquadra-se num tipo pouco documentado na região, podendo classificar-se como do tipo C.IV.2 estabelecido para o conjunto de São Pedro (Costeira e Mataloto, 2013, p. 12) (v. fig. 21) onde, apesar dos mais de três mil fragmentos estudados, apenas se registou um elemento de tear claramente nele integrável. Este tipo, ainda que raro em todo o sudoeste peninsular, parece associar-se a uma fase precoce da tecelagem com elementos de tear.

A presença de elementos de tear em contextos funerários, apesar de pouco frequente, não é inédita, sendo reconhecida em outros monumentos escavados por Manuel Heleno na área de Coruche-Montemor (cf. Rocha, 2005), como Anta Grande da Comenda da Igreja, Chapelar, Várzeas, Paço 1, Rabaçal, Batepé 2, Amendoeira 2, Gualões 4 e Freixa (correspondendo este último a uma placa espessa com quatro perfurações e decoração esboçando pinturas/tatuagens faciais). Estão também presentes na anta 3 de Antões, Mora (placa espessa e fragmento de crescente; Leisner e Leisner, 1959, Taf. 19; coleção em estudo por MAA), anta 1 do Tapadão, Crato (fragmentos de crescentes; Isidoro, 1965-1966, Est. VIII e IX) e aparentemente (não referidos na literatura respetiva mas incluídos na coleção deste monumento no MNA) na anta da Capela, Avis (fragmentos de crescentes; coleção em estudo por MAA).

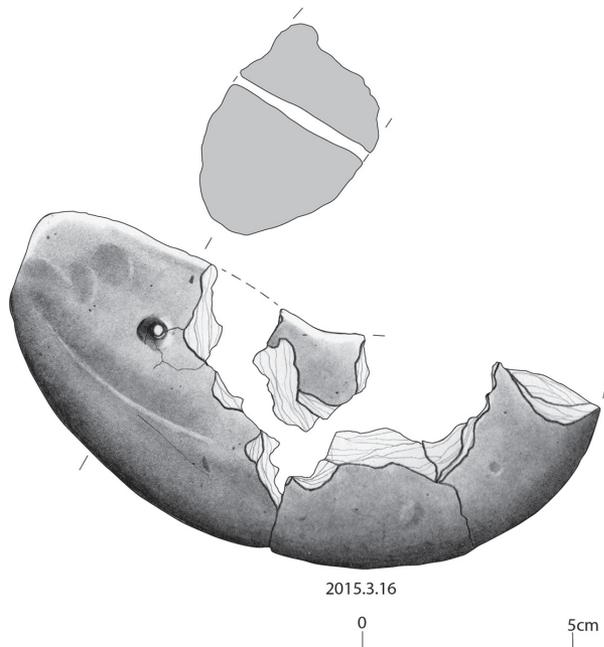


Fig. 21 – Elemento de tear 2015.03.16 recolhido no Corredor de NSCO.

Na Câmara surgiu também um pequeno cilindro cerâmico (2015.03.15) (v. fig. 18), o qual apresenta muitas semelhanças com um outro surgido na anta 3 de Antões, Mora (em estudo por MAA), não deixando de apresentar bastantes semelhanças com uma das esferas de pedra surgidas na base da mamoa da sepultura dos Godinhos (Mataloto et al., 2015, p. 67). Se atendermos a este caso, ainda que em pedra, este tipo de artefacto poderá ter estado associado a um qualquer ritual fundacional do monumento, tendo sido posteriormente remobilizado, daí o seu achamento na área da Câmara. Desde logo se deve deixar claro, porque relevante, a relativa escassez de recipientes cerâmicos em NSCO e, quando existem, podem associar-se, sem grande dificuldade, quase exclusivamente ao contexto de reuso tardio, podendo inclusivamente a pequena taça carenada 2015.03.04 corresponder a uma presença ainda mais tardia, já da Idade do Bronze, ainda que tal não seja absolutamente consensual (Andrade, 2014; Andrade, no prelo).

Os dois recipientes que acompanhavam a deposição funerária (v. fig. 22) foram documentados, segundo Manuel Heleno, junto das ossadas no lado norte do corredor, sem que seja claro a que parte anatómica estariam adjacentes, ou mesmo se estariam realmente sob o pequeno túmulo de pedras que cobria o enterramento, sendo de supor que sim, à semelhança do registado na Anta 1 das Casas do Canal, escavada por Georg e Vera Leisner (1955, p. 6-7). O autor dos trabalhos menciona igualmente como a taça mais ampla continha no seu interior o copo (v. fig. 23), seguindo aparentemente um padrão ritualizado, tal como já se verificou no emblemático, e muito próximo, caso da Anta 1 das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955, p. 7) (v. fig. 27 e 28), mas também em outros locais, como a gruta 1 de São Pedro do Estoril (Leisner, Paço e Ribeiro, 1964) ou a Anta da Pedra Branca (Ferreira et al., 1975), a que poderíamos associar hoje o exemplo do Monte da Velha 1 (Soares, 2008, p. 43) ou, aparentemente, o sepulcro 5 de Valle de Higuera, Toledo (Bueno et al., 2007-2008, p. 782). Este facto permite-nos realçar, cremos, que não apenas as morfologias cerâmicas se partilhavam neste amplo espaço, mas igualmente a simbologia dos gestos, e os próprios rituais inerentes, quaisquer que tenham sido.

A morfologia dos recipientes documentados enquadra-se claramente no que se vem usualmente designando por «Horizonte Ferradeira», criado H. Schubart (1971) e que nos obviamos agora de comentar, na justa medida em que recentemente tecemos alguns comentários sobre o mesmo e os seus problemas e virtudes (Mataloto, 2006; Mataloto et al., 2013). Na realidade, as morfologias cerâmicas recuperadas em associação ao enterramento do corredor encontram maior proximidade com o conjunto da Fossa 1 da Bela Vista 5 (Valera, 2014).

Não será fácil tecer comentários mais detalhados sobre as peças em questão, na justa medida em que se encontram ainda, mais de 80 anos depois, por tratar, sem termos, sequer, a possibilidade de as lavar.

A grande taça 2015.03.01 (27 cm de diâmetro máximo e 8 cm de altura) parece ter um bom acabamento polido, de tons avermelhados, assemelhando-se bastante à taça campaniforme decorada da Anta 1 das Casas do Canal (CNS 2010) (v. fig. 27), ainda que se possa assinalar, talvez, uma carena mais marcada e maior exvasamento do bordo, acompanhando a reconstituição do exemplar de Vale Carneiro (Leisner e Leisner, 1951, Est. XII). Por outro lado, ainda que se aproxime do exemplar da Bela Vista 5, este apresenta uma carena ainda mais vincada e menor exvasamento (Valera, 2014, p. 81).

O recipiente 2015.03.02 corresponde ao que podemos designar de copo, de corpo cilíndrico, estreito e fundo (16 cm de diâmetro máximo e 18,5 cm de altura) (v. fig. 22 e 24). Ainda se encontra tal como saiu do campo, com o conteúdo de terra, não escavada, e que poderá ainda «esconder» algum outro elemento, nomeadamente metálico, como acontecia na taça de Bela Vista 5 (Valera, 2014, p. 43). Na sua base é ainda notória a inscrição com a sua proveniência, tal como se assinalou certamente aquando do seu achamento. Sem que possamos apontar semelhanças absolutas, é claro que se enquadra no mesmo tipo de recipiente troncocónico que acompanha usualmente estes enterramentos, caso dos já mencionados da Anta 1 das Casas do Canal ou da Fossa 1 da Bela Vista 5, mas também nos exemplares da Anta 1 de Vale Carneiro ou da fase mais recente do Monte do Outeiro (Schubart, 1965, p. Ab.5). Cremos que estes recipientes devem começar a ser valorizados por si mesmos enquanto indicadores desta fase, pela sua sistemática associação a estas utilizações tardias, nas quais surgem, por vezes, como elementos cerâmicos únicos, como acontece no sepulcro dos Godinhos (Mataloto et al., 2015, p. 68), na Anta 4 dos Gorgi-

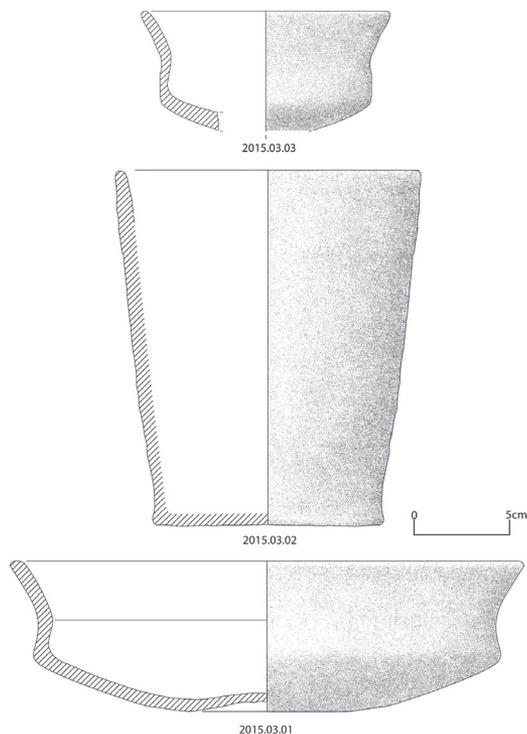


Fig. 22 – Recipientes cerâmicos recolhidos no Corredor de NSCO: pequeno vaso campaniforme liso 2015.03.03; vaso troncocónico 2015.03.02; taça campaniforme lisa 2015.03.01.

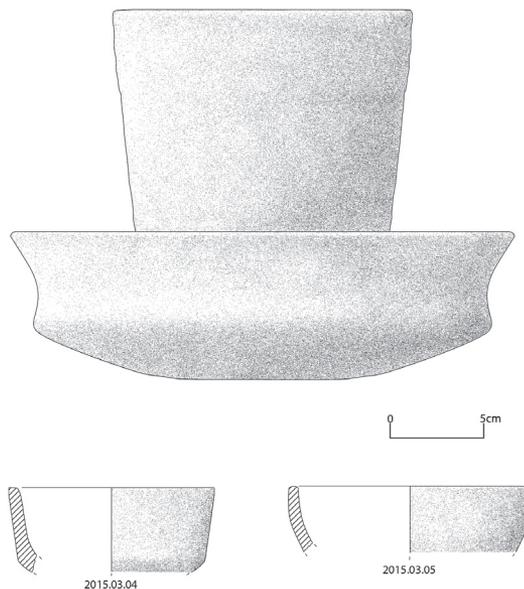


Fig. 23 – Recipientes cerâmicos recolhidos no Corredor de NSCO: reconstituição da relação entre o vaso troncocónico 2015.03.02 e a caçoila campaniforme lisa 2015.03.01 à altura da sua identificação; pequena taça carenada 2015.03.04; taça em calote 2015.03.05.



Fig. 24 – Vaso troncocónico 2015.03.02 recolhido no Corredor de NSCO.

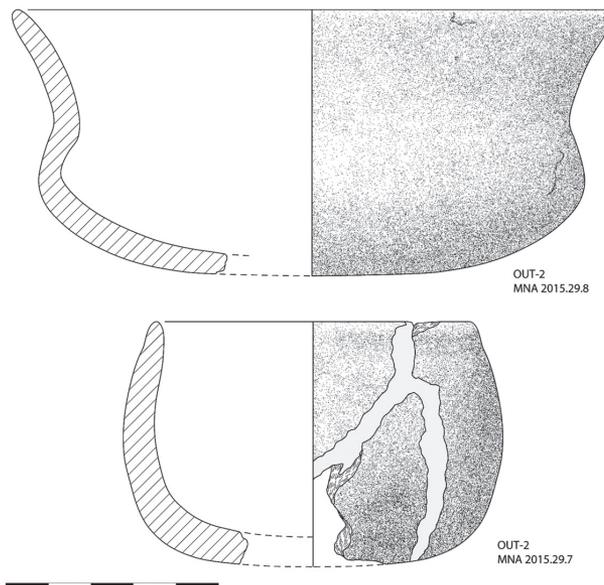


Fig. 25 – Recipientes cerâmicos arrolados à anta 2 dos Outeirões (Estremoz 10), mas possivelmente recolhidos em NSCO: vaso campaniforme liso 2015.29.8; pequeno esférico 2015.29.7.

nos (Leisner e Leisner, 1951, Est. XII) ou, mais recentemente, na sepultura individual 9240 de El Seminário, em Huelva (Martínez Fernández e Vera Rodríguez, 2014, p. 31).

O recipiente mais pequeno, 2015.03.03 (v. fig. 22), é o que melhor se aproxima, no conjunto, do usualmente designado «vaso campaniforme liso», ainda que se apresente mais baixo, de bordo exvasado e com carena mais vincada. Também as condições em que se apresenta, tal como saiu do campo há mais de 80 anos, impede maiores considerandos, ainda que aparente ser de características muito semelhantes às da grande taça. Esta forma aproxima-se, em boa medida, da peça documentada na necrópole de Ferradeira, e que deu origem ao tão conhecido «Horizonte» (Schubart, 1971), sendo igualmente próxima, ainda que menos funda, da peça recolhida no *tholos* da Centirã (Henriques et al., 2013, p. 342), ainda que menos funda. Este recipiente, de pequenas dimensões, afasta-se sensivelmente dos usuais vasos campaniformes

lisos, bem documentados no centro e oeste peninsular (Bueno et al., 2008, p. 147), aproximando-se já, tal como o exemplar da Fossa 1 de Bela Vista 5 (Valera, 2014, p. 81), das formas que virão a caracterizar boa parte do milénio seguinte. No entanto, cremos, e tal como já mencionámos acima, que será com bastante facilidade que poderemos enquadrar este enterramento no contexto do designado «Horizonte Ferradeira» que, tal como de há muito vimos defendendo (Mataloto, 2006; Mataloto et al., 2013), ganhou um espaço particular no contexto do «fenómeno campaniforme», muito além de ser uma mera diátribe «histórico-culturalista» de vago «sabor» antiquarista. Por outro lado, e como alguns autores defenderam ainda recentemente (Bueno et al., 2008, p. 146), o próprio vaso campaniforme liso, e obviamente o «pacote» que se lhe encontra

habitualmente associado, se integra no complexo mundo «Campaniforme», ele mesmo a corporização de uma realidade multifacetada e dinâmica que congrega em si a «globalização» transeuropeia mediada por uma fortíssima adaptação local de componentes específicos do «pacote campaniforme».

3. DISCUSSÃO GERAL SOBRE A ANTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS OLIVAIS

3.1. As utilizações «originais», de finais dos 4.º/inícios do 3.º milénio a.n.e.

Uma das dificuldades com que nos deparamos ao avaliar os patamares cronoculturais da construção e primeiras utilizações de NSCO é precisamente a escassez de paralelos conhecidos nesta área específica. Com efeito, este monumento encontra-se de certa forma isolado de qualquer grupo megalítico reconhecido nesta unidade regional – não sendo espacialmente associável, em termos diretos, tanto ao conjunto dos monumentos das herdades da Casa de Bragança na aba Norte da Serra d'Ossa, como ao conjunto de São Bento do Cortiço já localizado acima do Anticlinal de Estremoz. No entanto, tendo em conta a proximidade relativa, seria a estes conjuntos que intuitivamente recorreríamos para integrar e contextualizar as utilizações «originais» de NSCO.

Contudo, pouco poderemos avançar a este respeito apenas à luz dos conjuntos acima mencionados. O conjunto das herdades da Casa de Bragança primam pela homogeneidade arquitetónica dos sepulcros que o constituem, referindo-se genericamente a monumentos de média dimensão com Câmara e Corredor diferenciados, vendo-se a sua integração cronológica precisa dificultada pela escassez do espólio recolhido durante os trabalhos de G. e V. Leisner (1955), destacando-se apenas a utilização campaniforme da Anta 1 de Casas do Canal (diretamente paralelizável com o contexto coevo de NSCO). O conjunto de São Bento do Cortiço, um pouco afastado deste universo «territorial» precisamente pela «fronteira natural» que constituiria o Anticlinal de Estremoz, integra-se já no Grupo Megalítico que se desenvolve na margem esquerda da Ribeira da Seda (trabalhos de investigação de RB e MAA), devendo todavia ser lido como um núcleo com uma certa identidade própria mesmo dentro daquele contexto genérico (lida principalmente a nível das características arquitetónicas peculiares dos monumentos), com utilizações que se estendem desde a segunda metade do 4.º milénio a.n.e. até sensivelmente a meados do seguinte, servindo de ponto de comparação apenas a si próprio...

No entanto, paralelos mais fiáveis serão de considerar em outras longitudes – nomeadamente aqueles representados pelos sepulcros da área de Elvas, a escassos 20 km para nascente de NSCO, destacando-se, neste caso, o curioso contexto de Alcarapinha (como se verá adiante).

Assim, antes de partirmos para o estabelecimento de paralelos diretos para o contexto de NSCO com vista à sua definição cronocultural estrita (em termos das suas primeiras utilizações), as suas características individuais serão de enunciar e comentar – destacando-se tanto as características arquitetónicas do monumento como as características dos mobiliários votivos aqui recolhidos.

Em relação à arquitetura, trata-se de um monumento de Câmara e Corredor diferenciados, tendo Câmara de grandes dimensões (cerca de 4,40 m de diâmetro transversal para uma altura mínima estimável de 2,25 m) e Corredor médio (cerca de 3,20 m de comprimento). Trata-se de parâmetros arquitetónicos facilmente integráveis no período de apogeu do Megalitismo, entre o último quartel do 4.º e primeiro quartel do 3.º milénio a.n.e., obedecendo a critérios construtivos característicos do Alentejo Central durante esta etapa cronológica.

Em relação ao mobiliário votivo, será de destacar a escassez de alguns elementos característicos deste episódio cronocultural, como o são os recipientes cerâmicos e as placas de xisto gravadas (e até mesmo os artefactos de pedra polida). Em relação aos primeiros, não é claro se o pequeno vaso carenado MNA 2015.03.04 e a pequena taça em calote MNA 2015.03.05 correspondem às primeiras utilizações deste sepulcro ou ao seu réuso campaniforme. Em relação às segundas, são conhecidos (mesmo na área de emergência destes artefactos) sepulcros com escasso número de placas de xisto; no entanto, um monumento com as dimensões de NSCO permitiria supor um número mais elevado destes elementos (na ótica de que corresponderia a um sepulcro coletivo e que cada um destes elementos estaria associado a uma inumação individual). A sua escassez, assim como dos artefactos de pedra polida, poder-se-á dever somente a ações de «pilhagem» possivelmente perpetradas desde a construção e utilização da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais.

Mais expressivo é o conjunto dos artefactos de pedra lascada, sendo de referir a presença relativamente abundante de geométricos. Não é desconhecida a presença de armaduras geométricas em sepulcros evoluídos (já da primeira metade do 3.º milénio a.n.e.) – referindo-se, como exemplos e entre outros, os casos da Anta Grande do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1951), Anta Grande do Zambujeiro (Soares e Silva, 2010) ou o *tholos* do Escoural (Santos e Ferreira, 1969). No entanto, trata-se de elementos claramente minoritários quando comparados com o número de pontas de seta, podendo referir-se apenas a artefactos *supervivenciais*, característicos de etapas cronoculturais antecedentes. Em NSCO, estes elementos surgem em número ainda considerável (cerca de 30% do total dos artefactos líticos lascados) para serem considerados meramente como uma «sobrevivência» – tendo ainda em conta o facto de que surgem aparentemente em conjugação com pontas de seta.

Outro ponto a considerar é precisamente as características tecnotipológicas destes elementos, referindo-se maioritariamente a geométricos com truncatura côncava, opondo-se de certa forma aos geométricos com truncatura retilínea, característicos de fases mais recuadas. Curiosamente, já Manuel Heleno havia notado esta particularidade nos geométricos de NSCO, referindo precisamente que poderiam indicar a transição entre os geométricos típicos e as pontas de seta de base côncava.

A este respeito, refira-se ainda a presença de uma peça (2015.03.28) que poderá corresponder àquilo que foi designado por J. Soares como ponta de tipo *Pedra Branca*, correspondendo a um exemplar com dorso lateral bem marcado e retoque em duplo bisel na base, entre abrupto/semiabrupto e invasor, considerada como «antecessor» das típicas pontas de seta do pleno Neolítico final e Calcolítico (Soares, 2010, p. 78). Este tipo de pontas poderá estar relacionado com as etapas iniciais de utilização deste monumento, datadas de entre o terceiro e o quarto quartel do 4.º milénio a.n.e (Soares, 2010, p. 75-76).

Os restantes elementos, tais como a grande lâmina retocada, algumas pontas de seta «mais evoluídas» (de base côncava ou de aletas, usando xisto silicioso como suporte) e as contas bitroncocónicas e toneliformes (embora aquelas recolhidas no Corredor se possam relacionar com o enterramento tardio) poderão indicar episódios de uso já reportáveis à primeira metade do 3.º milénio a.n.e. No entanto, no estado atual dos conhecimentos e de acordo com os dados disponíveis, não cremos ser defensável duas ocupações distintas e cronoculturalmente apartáveis, no que se reporta às utilizações associáveis às comunidades que o terão erigido – sugerimos, em alternativa, uma utilização funerária prolongada de NSCO, entre o último terço do 4º milénio a.n.e. e o primeiro terço do seguinte.

Como referido, este enquadramento cronológico poderá ser verificado nos conjuntos da área de Elvas. O caso de NSCO afasta-se claramente de contextos atribuíveis à fase inicial do Megalitismo, aqui representado pelo pequeno sepulcro cistoide do Torrão com datação relativa de meados do 4.º milénio a.n.e. (Albergaria e Dias, 2000, p. 44-45). O exemplo da anta 1 da Sobreira, por seu lado, apresenta utilizações datadas de meados do 4.º milénio a.n.e. (Boaventura et al., 2013, p. 75), embora o espólio aponte utilizações extensíveis até à transição para o 3.º milénio a.n.e., reconhecidas pelas características morfológicas dos recipientes cerâmicos e das lâminas de sílex – destacando-se também a presença de uma destas «proto-pontas de seta» semelhante à recolhida em NSCO.

A anta 2 do Texugo, um pequeno sepulcro de Corredor curto, afetado por violações na área da Câmara, apresentou contudo um interessante depósito de artefactos de pedra polida na área do Corredor. No cômputo geral, o espólio recolhido aponta utilizações de finais do 4.º e inícios do 3.º milénio a.n.e. (Deus

e Viana, 1953). Neste mesmo patamar cronológico se incluíram outros monumentos, já de grande dimensão e de arquiteturas complexas, como as antas da Quinta do Forte de Botas, São Rafael 2 ou Monte Ruivo (Albergaria e Dias, 2000), e evidentemente no conjunto de Horta Velha do Reguengo (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 9).

Contudo, é no designado «jazigo de Alcarapinha», situado no contexto espacial das antas 1 e 2 de Alcarapinha, localizado a cerca de 60 m da primeira, que se recolhem os principais paralelos. É referido (Viana e Deus, 1951, p. 196, 197) que a sua tipologia é indeterminada, podendo corresponder a um sepulcro não estruturado (hipótese sugerida pela ausência de alvéolos de implantação de esteios). O espólio aqui recolhido (onde se destacam as 13 placas de xisto gravadas, um báculo, uma alabarda, dezenas de pontas de seta associadas precisamente a trapézios de base côncava, grandes contas bitroncocónicas e ausência de cerâmica) sugere utilizações coevas com aquelas registadas no monumento aqui estudado – ratificando de certa forma o enquadramento cronocultural proposto para as primeiras utilizações do sepulcro de NSCO.

3.2. A utilização de finais do 3.º milénio a.n.e.

O Tempo representa um elemento fundamental de análise das transformações ocorridas na sociedade e dos seus reflexos nos rituais funerários. Neste aspeto, NSCO beneficia do facto de ter disponível a datação Wk-17089: 3758±36 BP (Rocha e Duarte, 2009, p. 770), obtida sobre um fragmento de crânio humano aparentemente associável ao enterramento identificado no corredor. Esta data, devidamente calibrada, apresenta-nos um intervalo de tempo que preenche, em boa medida, o último quartel do 3.º milénio a.n.e. (2290-2030 cal BP, seg. Boaventura, 2009, anexo 2, p. 11) (v. fig. 26). Este intervalo de tempo acompanha os obtidos para o Ossário 1 do *tholos* da Centirã, mas parece mais tardia que as datas obtidas para o enterramento 1 do mesmo sepulcro (Henriques et al., 2013, p. 347). De igual modo, afasta-se, por mais tardia, da data obtida em Monte da Velha 1 (Soares, 2008, p. 47), que se enquadra principalmente no terceiro quartel do milénio. No entanto, e ainda que não tenhamos qualquer espólio associado (para além de uma pequena taça em calote lisa), as deposições múltiplas na Câmara remodelada da Anta 3 de Santa Margarida são estatisticamente idênticas (Gonçalves, 2003, p. 301).

Este pequeno conjunto de datas confirma-nos, contudo, que o fenómeno de reuso dos monumentos megalíticos se manteve ao longo de todo o período em que os recipientes campaniformes se mantiveram em uso. Deste modo, cremos ser de assinalar como o ritual fúnebre indiciado pelas formas campaniformes e afins usualmente associadas parece ter tido uma cronologia excecionalmente longa, abarcando pelo menos toda a segunda metade do 3.º milénio a.n.e., se não

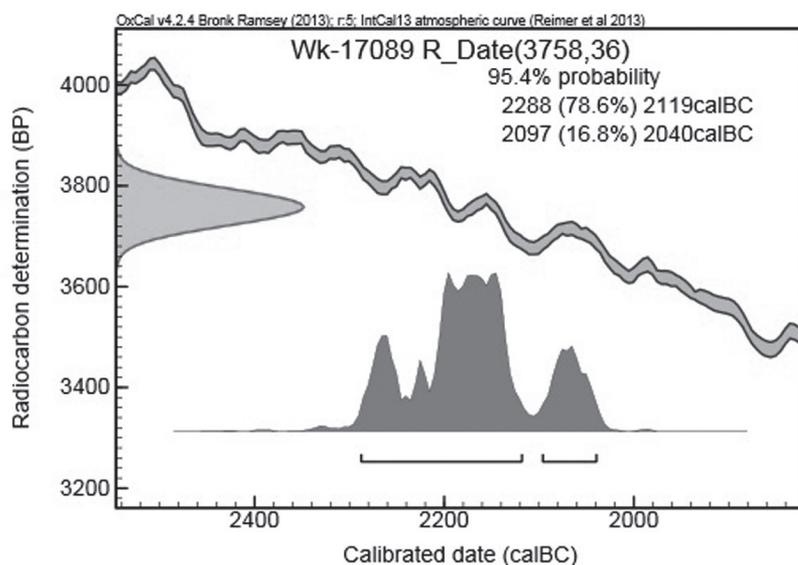


Gráfico 12 – Datação para o enterramento tardio realizado no Corredor de NSCO, Wk-17089: 3758±36 BP (seg. Rocha e Duarte, 2009, p. 770), recalibrada em 2016 com recurso ao programa OxCal v.4.2.4 (Bronk Ramsey, 2013), usando a curva de calibração IntCal13 (Reimer et al., 2013), fornecendo o intervalo calibrado a 2σ de 2288-2040 cal BC (95,4% de probabilidade).

mesmo, como fazem suspeitar dados recentes, ter entrado no milénio seguinte (Valera et al., 2016). Esta realidade parece ser tão mais intrigante quanto o facto de o milénio anterior ter sido marcado por uma intensa dinâmica de mutação ritual e simbólica, assinalada pela muito rápida transformação dos espólios funerários (Boaventura, 2009; Boaventura e Mataloto, 2013).

Os casos assinalados impõem, também, um comentário às realidades que se lhe encontram subjacentes, e que, certamente, não terão sido todas de igual natureza. A utilização funerária de NSCO pode inserir-se dentro das dinâmicas típicas de individualização do rito funerário, que se tem vindo a atribuir aos finais do 3.º milénio a.n.e., em particular nestes contextos passíveis de serem integrados no designado «Horizonte Ferradeira».

Se, por um lado, começam a surgir enterramentos essencialmente individuais nesta fase final do milénio, e antecipando o que se irá passar no seguinte, certo é que, tal como alguns vêm defendendo (Bueno et al., 2008, p. 142), não apenas se deve ter mantido o sepultamento coletivo, mas também a construção de monumentos de índole coletiva, como o próprio *tholos* de Centirã parece indiciar (Henriques et al., 2013).

Assim, a realidade manter-se-ia múltipla e diversa, seguindo caminhos tendentes à individualização do contentor funerário, enquanto se mantinha, pelo menos durante boa parte do terceiro quartel do 3.º milénio a.n.e., a construção e utilização de sepulcros coletivos.

Não cremos que a utilização singular do sepulcro de NSCO, mas também de outros, em momentos avançados do 3.º milénio a.n.e., resulte apenas dessa vontade de individualização do gesto funerário frente à tradicional coletivização do mesmo. Julgamos antes que este ato seja justamente a resposta de uma comunidade a uma conjuntura particular, e daí o enterramento isolado de um indivíduo particular num espaço de forte carga simbólica. Todavia, os dados da Anta 3 de Santa Margarida, com escassez ou ausência de espólio significativo, impõem alguma contenção nos considerandos, justamente pela dificuldade que temos em isolar estes enterramentos tardios sem que dispúnhamos ou de espólio significativo, ou de extensas baterias de datas. Por outro lado, não concordamos que os escassos casos de materiais campaniformes em antas do Alentejo indiquem, à falta de ossos humanos preservados, outros ritos que não funerários, como se deu a entender recentemente (Valera et al., 2016, p. 17); não deixando de ser possível, como aliás se propôs para o encerramento ritual do povoado de São Pedro (Mataloto et al., 2015, p. 87), cremos ser menos provável que o seu uso funerário, cada vez melhor documentado através de datações por radiocarbono, sempre que existem restos osteológicos.

Estes atos de reuso funerário, ou de outra índole, de antigos sepulcros megalíticos têm sido, recentemente, enquadrados dentro de ações contraditórias entre si, como gestos de resistência, isto é, acção consciente de atavismo (Aranda Jiménez, 2015, p. 132), ou simples continuidade da tradição anterior (Gibson, 2016, p. 102), se não mesmo encarar este último enterramento como gesto de encerramento e rutura face a uma realidade anterior (Gibson, 2016, p. 103).

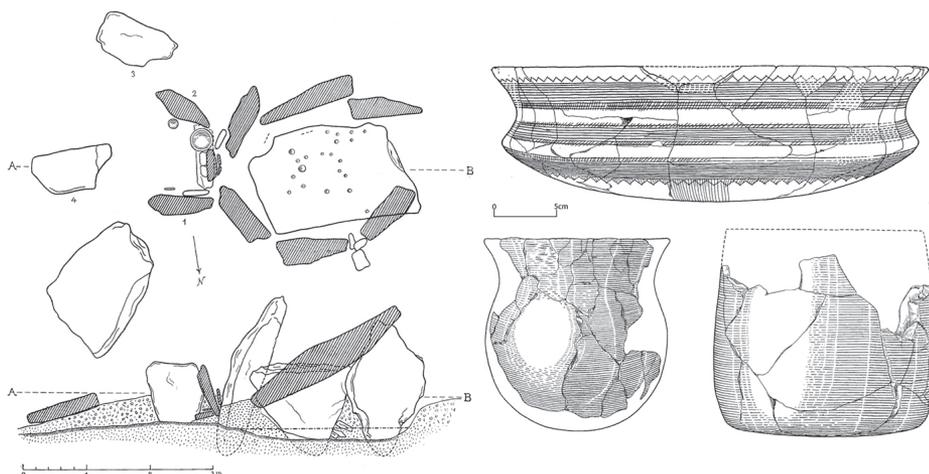


Fig. 26 – Anta 1 das Casas do Canal. À esquerda: planta com indicação da deposição campaniforme no espaço do Corredor (adaptado de Leisner e Leisner, 1955, Est. II); à direita: caçoila com decoração incisa, vaso acampanado liso e vaso cilíndrico que acompanhavam esta deposição (adaptado de Leisner e Leisner, 1955, Est. III e V); o vaso acampanado foi identificado no interior da caçoila com decoração incisa.

Creemos que a posição de J. Thomas (2005, p. 128) nos surge bem mais prudente e real, na justa medida em que aceita que talvez todas estas hipóteses tenham cabimento, variando ao longo do tempo, do espaço e das comunidades que realizam estas atividades em antigos monumentos funerários. Deste modo, cremos importante enunciar as três grandes possibilidades que este autor elenca (Thomas, 2005, p. 128) sobre o reuso de monumentos megalíticos – continuidade; legitimação; encerramento – e que poderão ser muito úteis para entender os diversos contextos em que se efetua a deposição funerária acompanhada de elementos da panóplia campaniforme, quer seja em NSCO, na Anta da Pedra Branca ou na Anta 1 das Casas do Canal. O caso de NSCO poderia, em nossa opinião, integrar-se ou na segunda, ou na terceira hipótese, como um caso de legitimação de um novo grupo, ou, como sugerem alguns, linhagem (Soares, 2003); por outro lado, ao efetuar-se o enterramento no corredor, sob um conjunto de pedras e à entrada da câmara, tal como na Anta 1 das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955) (v. fig. 27 e 28), poderia ser visto como ato de clausura do monumento (Gibson, 2016, p. 90).

Não sendo possível discernirmos a mais plausível entre estas propostas, gostaríamos de acrescentar que a ideia de legitimação, tal como defendemos para outro contexto (Mataloto et al., 2015, p. 72), nos parece mais convincente, atendendo ao momento particular de «desconstrução» social e simbólica que as comunidades da região terão vivido durante o final do Calcolítico. Contudo, vemos com mais dificuldade a ideia de legitimação de linhagens ascendentes, resultantes de uma progressiva estratificação social, a qual, como nos indicia o brinco de «tipo Ermegeira» e o fragmento de diadema comprados em Estremoz (MNA, Au 417 e 418) (v. fig. 29), deveria de alguma forma estar em formação. A ideia de legitimação surge-nos mais associada ao gesto de verdadeira fundação de uma nova realidade comunitária, que se pretende legitimar através do forjar de novas identidades com a sua associação a marcas de Passado, reinscrevendo o «sentido do lugar», como nos diz J. Thomas (2005, p. 129), e criando uma nova semântica da Paisagem, elemento fulcral, como defendemos há muito, para uma nova identidade grupal (Mataloto, 2007).

Um aspeto nos parece, neste caso, mas também noutros, de grande relevância, como foi justamente realçado (Thomas, 2005, p. 128): estas deposições funerárias tardias no Corredor dos monumentos parecem não sofrer, posteriormente, ações de redução, impondo-se a ideia de «fixação» do enterramento a um local específico, ao invés da ideia de remobilização, ou mesmo mobilidade, como defende aquele autor. O «rearranjo» e reposição de partes ósseas em processo de esqueletização que se documentou em Bela Vista 5 (Cunha, 2013, p. 39) parece vir no mesmo sentido, reforçando a ideia de imobilismo e fixação corporal inerente a determinados elementos que, como ali também, parecem ter desempe-

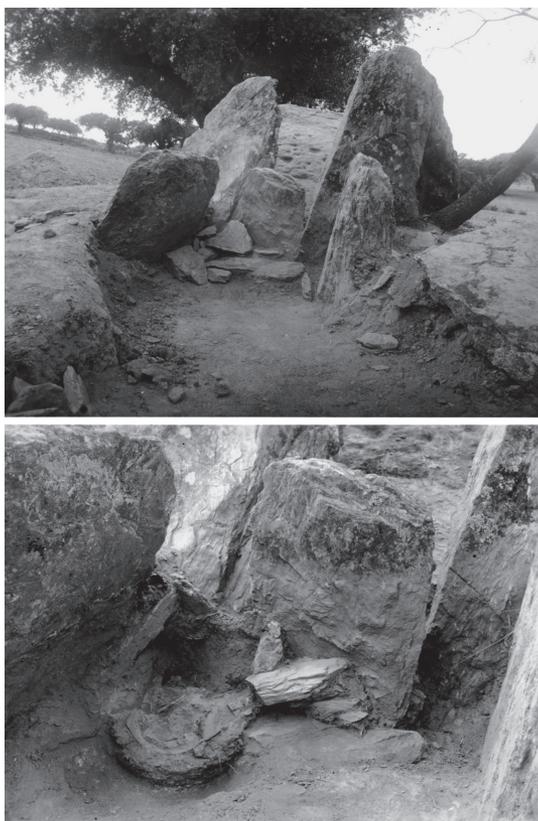


Fig. 27 – Em cima: aspeto do Corredor da Anta 1 das Casas do Canal, onde se realizou o enterramento tardio, notando-se os blocos pétreos colocados sobre o depósito de vasos; em baixo: aspeto da taça campaniforme à altura da sua identificação (adaptado de Leisner e Leisner, 1955, Est. X).



Fig. 28 – Brinco de tipo Ermegeira e fragmento de diadema provenientes da área de Estremoz. Museu Nacional de Arqueologia, Au 417 e Au 418.
Foto: <http://www.matriznet.dgpc.pt>

nhado um papel central na construção simbólica dos sítios, e logo, na construção do novo discurso identitário de certas comunidades.

4. A ANTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS OLIVAIS NO QUADRO DO MEGALITISMO CENTRO E ALTO-ALENTEJANO

A Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais manteve, para aqueles que a conheciam, uma certa aura mítica que pairava desde os trabalhos de Manuel Heleno. A sua posição numa ligeira elevação, junto da igreja, onde se recortava no horizonte o único esteio completo a isso ajudava.

A sua posição é, de certo modo, singular, ao situar-se relativamente isolada de núcleos maiores, situados tanto a sul, onde realça o núcleo da Casa de Bragança, nas abas da Serra d'Ossa, como a Norte, já na vertente oposta do Anticlinal de Estremoz, nas imediações de São Bento do Cortiço.

Na pequena elevação em que se implanta, a paisagem abre-se amplamente para poente, deixando bem clara a fluidez da paisagem que desce suavemente pela bacia do Tejo, e que nos leva para os núcleos megalíticos de Pavia/Ciborro/Lavre. Para nascente, a paisagem fecha-se nas elevações de Estremoz e do restante Anticlinal, empurrando-nos ou para a serra, ou para as portelas que atravessam este último. Cremos que a adjacência a um caminho natural de utilização milenar, bem marcado pela via romana, e hoje pela autoestrada A6, deverá ter cunhado a sua marca nas comunidades que erigiram o sepulcro de NSCO. Na realidade, a fluidez do passo conduziria aqui a transitabilidade entre a bacia do Guadiana e as do Tejo e Sado, unindo os grandes núcleos megalíticos de Évora/Montemor com o núcleo de Vila Fernando/Elvas, o qual se situa menos de 20 km depois de NSCO seguindo este caminho natural para nascente.

Não será por acaso que o interessantíssimo conjunto do «jazigo da Alcarapi-nha», provavelmente uma qualquer estrutura escavada na rocha justamente neste caminho, é um dos paralelos mais óbvios para o conjunto da primeira fase de NSCO, onde primam igualmente pela ausência as cerâmicas e abundam as pontas de seta de tipologias semelhantes, aparentemente associadas a geométricos.

Creemos ter apontado, aquando da análise das pontas de seta, como NSCO se implanta numa posição de «fronteira» cultural, genericamente traçada pela Serra d'Ossa, sendo clara a sua mais forte ligação com a realidade cultural imanente do Megalitismo alto-alentejano (v. fig. 30). Este aspeto carece ainda de maior aprofundamento e análise, podendo ser uma via de melhor entendimento, e discernimento, das comunidades humanas que presenciaram os 4.º e 3.º milénios a. C. no território centro e alto-alentejano.

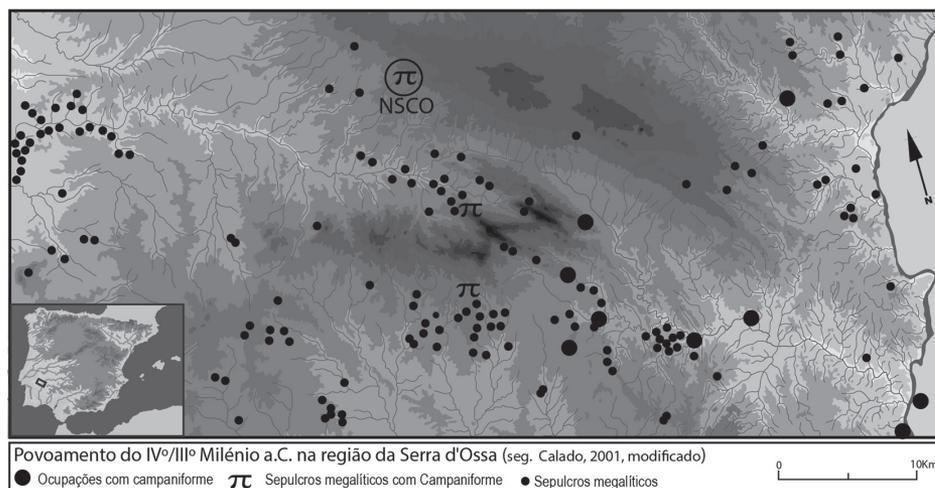


Fig. 29 – Povoamento dos 4.º e 3.º milénios a.n.e. na região da Serra d'Ossa (seg. Calado, 2001, modificado) com a situação de NSCO com relação a outros monumentos com reutilizações tardias e contextos de ocupações campaniformes.

Estamos certos que a revalorização das velhas arquiteturas megalíticas, discursos paisagísticos e sociais dos finais do 3.º milénio a.n.e. do interior alentejano, terão sido muitíssimo mais frequentes que aquilo que conseguimos hoje perceber, como aliás vimos defendendo de há muito (Mataloto, 2006; Mataloto et al., 2015). Na esteira de C. Gibson (2016)⁴, concordamos que teremos que eliminar de vez os preconceitos inerentes a expressões como «violações» ou «intrusões», sempre muito conectadas com velhas perspetivas histórico-culturalistas que entendiam o «fenómeno campaniforme» derivado da chegada de novas gentes que vinham romper o *status quo* existente. Todavia, e como se comentou acima, também estamos longe de aceitar uma perspetiva de mera continuidade, quase atávica, como outros autores têm vindo a defender para estas e outras paragens (Bueno et al., 2008). Cremos, isso sim, que o reuso dos velhos monumentos megalíticos se insere numa nova lógica identitária, forjada a partir do colapso social, ideológico, e talvez cosmológico (Valera, 2015) das sociedades da segunda metade do 3.º milénio a.n.e. Num quadro de verdadeira «refundação», os antigos sepulcros deverão ter sido reintegrados no discurso provavelmente como legitimadores dos novos grupos, conferindo a espessura do *Tempo* às novas organizações resultantes da falência da realidade anterior que determinou, por um lado, o abandono das fortificações em território alentejano a partir de meados do milénio, e das ocupações cercadas de fossos ao longo desta segunda metade do 3.º milénio a.n.e. (Valera, 2015).

A anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais terá sofrido, de alguma forma, nova reintegração nos discursos ideológicos e religiosos, dada a sua proximidade com a igreja de onde retira o nome, muito provavelmente na sequência das reformas tridentinas que procuraram eliminar, sobrepor e integrar todos os vestígios de culto ou admiração pagã. Não deixa de ser de realçar a relativa proximidade (20 km a sudoeste) do caso da igreja de São Bento do Mato, da Azaruja, que incorporou e sobrepos, na zona do altar-mor, um sepulcro megalítico.

Esta ligação pagã ao velho monumento manteve-se até muito próximo dos dias de hoje, suavizada, ou talvez nem tanto, pela mediação cristã notória na realização da partida «de ouvir o mar» depois da missa do galo...

⁴ Agradecemos a C. Gibson a disponibilização deste texto, ainda em fase de revisão.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERGARIA, J.; DIAS, A. C. (2000) – *Antas de Elvas*. Lisboa: IPPAR. (Roteiros da Arqueologia Portuguesa).
- ANDRADE, M. A. (2013) – As placas de xisto gravadas da anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 5, 3, p. 177-201.
- ANDRADE, M. A. (2014) – Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, p. 35-60.
- ANDRADE, M. A. (2015) – *Cherchez la femme!* Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica. In COLLADO GIRALDO, H.; GARCÍA ARRANZ, J. J., ed. lit. – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. IFRAO 2015: International Rock Art Conference, 19, Cáceres, 2015: Conference. Tomar: Instituto Terra e Memória, p. 1545-1571.
- ANDRADE, M. A. (no prelo) – Sobre os pequenos vasos carenados do Megalitismo alto-alentejano: questões morfológicas e cronologia. In *JIA 2015. Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Entre a ciência e a cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia*, 8, Lisboa, 2015.
- ANDRADE, M. A.; LOPES, G.; VILELA, C. (2014) – O sítio calcolítico de Cabeço dos Mouros: identificação de uma nova oficina de talhe de pontas de seta na área de Arruda dos Pisões (Rio Maior, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, p. 113-126.
- ANDRADE, M. A.; MATIAS, H. (2013) – Lithic raw material procurement and consumption during the Late Neolithic/Early Chalcolithic: the case of Casal dos Matos and Cabeça Gorda 1 (Vila Nova de Ourém, Estremadura, Portugal). *Complutum*. Madrid. 24: 1, p. 91-111.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. (2015) – Resistencia e involución social en las comunidades de la Edad del Bronce del sureste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 72: 1, p. 126-144.
- ARAÚJO, A.; PIÇARRA, J.; BORREGO, J.; PEDRO, J.; OLIVEIRA, J. T. (2013) – As regiões central e Sul da Zona de Ossa-Morena. In DIAS, R.; ARAÚJO, P.; KULLBERG, J. C., ed. lit. – *Geologia de Portugal*. Évora: Universidade de Évora, p. 151-172.
- AUBRY, Th.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2014) – Matérias-primas das ferramentas de pedra lascada da Pré-História do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P. A.; GOMES, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S., ed. lit. – *Proveniências de Materiais Geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal*. Braga: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, p. 165-192.
- AUBRY, Th.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J. D.; CALVO TRIAS, M.; IGREJA, M. A.; KLARIC, L.; GAMEIRO, C. (2009) – Os artefactos: reconstituição da funcionalidade e da dinâmica de formação dos sítios. In AUBRY, Th., ed. lit. – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-recolectores do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR/IP. p. 129-270. (Trabalhos de Arqueologia; 52).
- BOAVENTURA, R. (2000) – O Campaniforme do habitat do Pombal (Monforte, Alto Alentejo, Portugal). In *Congresso de Arqueologia Peninsular, 3, Vila Real, 1999. Pré-História Recente da Península Ibérica: Actas*. Porto: ADECAP. vol. 4, p. 291-300.
- BOAVENTURA, Rui (2009) – *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Policopiado.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T.; SILVA, A. M. (2013) – Perscrutando espólios antigos: a anta da Sobreira 1 (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 63-79.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 81-101.
- BUBNER, T. (1979) – Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo (Moura). *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 139-151.
- BUENO RAMIREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., BALBÍN BEHRMANN, R. (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62: 2, p. 67-90.

- BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R., BALBÍN BEHRMANN, R. (2007-2008) – Campaniforme en las construcciones hipogeas del megalitismo reciente al interior de la Península Ibérica. *Veleia*. Vitoria. 24-25, p. 771-790. *Home-naje a Ignacio Barandiaran Maestu*, v. II.
- BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; VÁZQUEZ CUESTA, A. (2008) – The Beaker Phenomenon and the Funerary Contexts of the International Tagus. In BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN-BERHMANN, R., ed. lit. – *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus – Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress. p. 141-155. (BAR International Series; 1765).
- CALADO, M. (2001) – *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 19).
- CARDOSO, J. L.; SCHUHMACHER, T. X. (2012) – Marfiles calcólicos en Portugal. Estado de la cuestión. *Elfenbeinstudien. Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental*. Darmstadt, Mainz: Verlag Philipp von Zabern; Alicante: DAI; Diputación de Alicante; MARQ. p. 95-110. (Iberia Archaeologica; Band 16 Faszikel 1).
- CARREIRA, J.; CARDOSO (2001/2002) – A Gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL [Material cartográfico]/ Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. 1968.
- CERRILLO CUENCA, E. (2009) – Laminas de sílex en el actual territorio de Extremadura (IV-III milenio cal BC): problemas de partida y posibilidades de estudio. In GIBAJA, J. F.; TERRADAS, X.; PALOMO, A.; CLOP, X., ed. lit. – *Les grands fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 55-62.
- COSTA, M. A. N. (1961) – Estremoz e o seu concelho nas Memórias Paroquiais de 1758. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 25. Separata.
- COSTEIRA, C.; MATALOTO, R. (2013) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, J.; BUSTAMANTE, M.; GARCÍA CABEZAS, M., ed. lit. – *Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, 6, Villafranca de los Barros, 2012. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento. p. 625-667.
- CUNHA, C. (2014) – O enterramento do recinto 1 de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja): análise bioantropológica. In VALERA, A. C., coord. – *Bela Vista 5. Um recinto do final do 3.º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Lisboa: NIA, p.37-39. (Era Monográfica; 2).
- DEUS, A. D.; VIANA, A. (1953) – Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 227-240.
- DUARTE, C.; PINHEIRO, V. (2005) – *Análise dos restos humanos da coleção de Manuel Heleno do Museu Nacional de Arqueologia (o Alentejo Central)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Col. Cadernos do CIPA: relatórios de análise laboratorial.
- ESPANCA, T. (1975) – Ermida de Nossa Senhora da Conceição. In *Inventário artístico de Portugal: Distrito de Évora: Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes. vol. 1, p. 98-99.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès Montum, Melides. *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and Exchange of Bifacial Flaked Stone Artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress. (BAR International Series; 756).
- GENESTE, J.-M. (1985) – *Analyse lithique d'industries Moustériennes du Périgord: une approche technologique du comportement des groupes humains au Paléolithique Moyen*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Bordéus 1.
- GENESTE, J.-M. (1991) – L'approvisionnement en matières premières dans les systèmes de production lithique: la dimension spatiale de la technologie. *Treballs d'Arqueologia*. Barcelona. 1, p. 1-36.
- GIBSON, C. (2016) – Closed for business or cultural change? Tracing the re-use and final blocking of megalithic tombs during the Beaker period. In *Celtic from the West 3*. Oxford: Oxbow. p. 103-110.

- GONÇALVES, F. (1972) – *Carta Geológica de Portugal: Folha 36-B: Estremoz*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- GONÇALVES, F. (1974) – *Carta Geológica de Portugal: Nota Explicativa à Folha 36-B*. Estudos Petrográficos de A. V. Pinto Coelho. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 32).
- GONÇALVES, V. S. (2004) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 22, p. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. (2013) – *No limite oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: EDIA/DRCALEN.
- HELENO, M. – *Caderno de campo n.º 2: Antas dos arredores de Estremoz* [Manuscrito]. 1934. Disponível no Museu Nacional de Arqueologia, Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. p. 2-16.
- HENRIQUES, F. R.; SOARES, A. M. Monge; ANTÓNIO, T. F.; CURATE, F.; VALÉRIO, P.; ROSA, S. (2013) – O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa): construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. In JIMÉNEZ ÁVILA, J.; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; GARCÍA CABEZAS, M., ed. lit. – *Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, 6, Villafranca de los Barros, 2012. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento. p. 319-355.
- ISIDORO, A. F. (1965-1966) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20: 1-2, p. 29-57.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura. Reeditado por Uniarq/INIC, 1985.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) – *Antas nas herdades da Casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 2.
- LEISNER, V. (1985) – *Mikrolithen – Aufzeichnungen im Nationalmuseum fuer Archaeologie und Ethnologie in Lissabon*. Lisboa: Deutsches Archäologisches Institut. Bilingue: Micrólitos – Apontamentos tomados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia em Lisboa. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.
- LEISNER, V.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, M. J.; VERA RODRÍGUEZ, J. C. (2014) – Los enterramientos de la edad del bronce del yacimiento de La Orden-Seminario (Huelva). Rituales funerarios y diferenciación sexual en la transición del tercer al segundo milenios cal a.c. en andalucía occidental. *Huelva arqueológica*. Huelva. 23: 11-46.
- MARTÍNEZ FERNANDÉZ, G.; MORGADO RODRÍGUEZ, A.; AFONSO MARRERO, J. A.; CÁMARA SERRANO, J. A.; CULTRONE, G. (2006) – Explotación de rocas silíceas y producción lítica especializada en el Subbético central granadino (IV-III milenios cal. B.C.). In MARTÍNEZ FERNANDÉZ, G.; MORGADO RODRÍGUEZ, A.; AFONSO MARRERO, J. A. (eds.) – *Sociedades prehistoricas, recursos abióticos y territorio*. Granada: Fundación Ibn Al-Jatib, p. 293-313.
- MATALOTO, R. (2006) – Entre *Ferradeira e Montelavar*: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2, p. 83-108.
- MATALOTO, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10: 1, p. 123-140.
- MATALOTO, R. (2010) – O 3.º/4.º milénio a. C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., ed. lit. – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e*. Cascais: Câmara Municipal. p. 263-295.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento

- com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12: 2, p. 31-77.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2010) – Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13: 1, p. 5-24.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; NUKUSHINA, D.; VALÉRIO, P.; INVERNO, J.; SOARES, R.; RODRIGUES, M.; BEIJA, F. (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, p. 55-79.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; ROQUE, C. (2015) – Torres, cabanas e memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, p. 81-100.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M. M.; SOARES, A. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste: periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- MATALOTO, R.; ROCHA, L. (2007) – O monumento ortostático do Caladinho (Redondo, Alentejo Central). In *Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 3, Aljustrel, 2006: *Actas*. Aljustrel: Câmara Municipal. p. 107-116.
- MAIIAS, H. (2012) – *O aprovisionamento de matérias-primas líticas na gruta da Oliveira (Torres Novas)*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Geo-Arqueologia. Policopiado.
- MEDEIROS, J. F. (2001) – *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz.
- MEMÓRIAS PAROQUIAIS: *Estremoz; Évora*. 1758. Vol. 14, n.º 100, p. 697 a 750.
- MENDONÇA, M.; CARVALHO, A. F. (2016) A componente de pedra lascada dos monumentos funerários 1 e 2 do Complexo arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Aparentamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 11, p. 33-45.
- MORGADO, A.; LOZANO, J. A. (2011) – The impact of geological factors on flint mining and large blade production in the Betic Cordillera (Spain) in the 4th-3rd mill. BC. In CAPOTE, M.; CONSUEGRA, S.; DÍAZ-DEL-RÍO, P.; TERRADAS, X., ed. lit. – *International Conference of the UISPP Commission on Flint Mining in Pre- and Protohistoric Times*, 2, Madrid, 2009. Oxford: Archaeopress. p. 183-191. (BAR International Series; 2260).
- MORGADO RODRÍGUEZ, A.; LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; PELEGRIN, J. (2011) – Las explotaciones prehistóricas del sílex de la Formación Milanos (Granada, España). *Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía*. Antequera (Málaga). 2, p. 135-155.
- NETO, M. (1976-1977) – Notícias inéditas sobre dólmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 99-107.
- NOCETE, E.; SÁEZ, R.; NIETO, J. M.; CRUZ-AUÑÓN, R.; CABRERO, R.; ALEX, E.; BAYONA, M. R. (2005) – Circulation of silicified oolitic limestone blades in South-Iberia (Spain and Portugal) during the third millennium B. C.: an expression of a core/periphery framework. *Journal of Anthropological Archaeology*. 24, p. 62-81.
- OLIVEIRA, J. T.; OLIVEIRA, V.; PIÇARRA, J. M. (1991) – Traços gerais da evolução tectono-estratigráfica da Zona de Ossa-Morena, em Portugal. *Cuadernos del Laboratorio Xeolóxico de Laxe*. Corunha. 16, p. 221-250.
- OLIVEIRA, J.; SARANTAPOULOS, P.; BALESTEROS, C. (1994-1995) – Antas-Capelas e Capelas junto a antas no território português: elementos para o seu inventário. *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*. Évora. 2.ª série, 1, p. 287-329.
- OLIVEIRA, J.; SARANTAPOULOS, P.; BALESTEROS, C. (1997) – *Antas-Capelas e Capelas junto a antas no território português*. Lisboa: Edições Colibri.
- RAMOS MILLÁN, A.; PEÑA GONZÁLEZ, B.; OSUNA VARGAS, M.; TAPIA ESPINOZA, A.; AZNAR PÉREZ, J. C. (1993) – La mina de sílex de la Venta. Investigaciones arqueológicas de 1990-91. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Málaga. 2, p. 212-224.
- ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- ROCHA, L.; DUARTE, C. (2009) – Megalitismo funerário no Alentejo Central: Os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno.

- In POLO CERDÁ, M.; GARCÍA-PRÓSPER, E., ed. lit. – *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el Pasado: Congreso Nacional de Paleopatología, 9, Morella (Castellón), 2007*. Valencia: Grupo Paleolab & Sociedad Española de Paleopatología, p. 763-781.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de (1718) – *Santuário Mariano, e Historia das Image[n]s Milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos prègadores, & dos devotos da mesma Senhora...* Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galrao. Vol. 6, p. 180-182.
- SANTOS, M. F.; FERREIRA, O. V. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.^a série, 3, p. 37-62.
- SANTOS, I.; ROCHA, L. (2015) – Contributo para o conhecimento da Anta Grande do Zambujeiro (Évora, Portugal): as pontas de seta. In *Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: o mundo funerário, 2, Évora, 2013*. Évora: Universidade, p. 34-39.
- SCHUBART, H. (1965) – Zwei Belegungsphasen im Kuppelgrab Monte do Outeiro bei Aljustrel (Portugal). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 6, p. 65-73.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira: sepulturas do Eneolítico final no sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81: 3-4, p. 189-215.
- SCHUHMACHER, Th. X.; CARDOSO, J. L.; BANERJEE, A. (2009) – Sourcing African ivory in Chalcolithic Portugal. *Antiquity*. Cambridge. 83, p. 983-997.
- SOARES, A. M. (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) Vila Verde de Ficalho, Serpa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11: 1, p. 33-51.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeuus pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, J. (2010) – Dólmen da Pedra Branca. Datações radiométricas. *Musa*. Setúbal. 3, p. 70-82.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (2010) – Anta Grande do Zambujeiro – arquitetura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87. *Musa*. Setúbal. 3, p. 83-129.
- VALERA, A. C. (2014) – *Bela Vista 5. Um Recinto do Final do 3.º milénio a.n.e.* (Mombeja, Beja). Lisboa: NIA. (Era Monográfica; 2).
- VALERA, A. C. (2015) – Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures. *Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte*. Halle. Band 13, p. 1-19.
- VALERA, A. C.; CALVO, E.; SIMÃO, P. (2016) – Enterramento campaniforme em fossa da Quinta do Castelo 1 (Salvada, Beja). *Apostamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 11, p. 13-19.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1952) – Exploración de algunos dolmenes de la región de Elvas, Portugal. In *Congreso Arqueológico Nacional, 2, Madrid, 1951*. Zaragoza: Secretaría Nacional de los Congresos, p. 185-201.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955) – Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova Série. 15: 3-4, p. 143-189.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1957) – Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). In *Congreso Arqueológico Nacional, 4, Burgos, 1955*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos, p. 89-100.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neolítico de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 35-45.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior na Estremadura portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.

APÊNDICE 1

HELENO, M. – *Caderno de campo n.º 2: Antas dos arredores de Estremoz* [Manuscrito]. 1934. Disponível no Museu Nacional de Arqueologia, Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. Anta da N. S. da Conceição dos Olivais – Anta 7, p. 2-16.

[Página 2] «Anta 7 (N. Sra. da // Conceição dos Olivais de // Estremoz)

Fica a nascente de Nossa // Senhora da Conceição dos Olivais // a cerca de 10 m e a NW de Es-//tremoz a 1500 m de distancia, // na freguesia de Sta. Maria de Estremoz.

A anta tinha grande cama-//ra com quatro esteios, três de-// partidos e corredor com // três pedras do lado sul.

A anta estava já sem // mamôa, quasi completa-//mente desaterrado. Apenas // abaixo do solo as valas // aonde foram metidos // [página 3] os esteios que já faltam.

No dia da Romaria da Sra. // da Conceição que na capela // se realiza no dia 8 de dezem-//bro [ilegível] gente dos arre-//dores. É costume levar as // crianças e alguns adultos // junto do esteios inteiro e // perguntar-lhes se desejam // ouvir roncar o mar, para o que devem encostar // o ouvido a dita pedra. // Nessa altura empurram // a cabeça do bacôa con-//tra a mesma. Isto fazia-se // depois da missa da meia-noite // (do galo) pelo Natal.

[Página 4] A anta que, foi explorada no // dia 10 de Set. E seguintes, deu:

No corredor:

– Uma conta grande rachada // talvez de azeviche, a 0,25 m de // profundidade na cova dum // esteio

– Um sílice com base concava [esboço da peça] 

– Um linda faca secção // trapezoidal partida em três // partes

– Ossos dos membros inferiores // dum esqueleto. Este parece orientar-se com a cabeça // para poente, isto é, voltada para // a camara e corredor paralela // as pedras do corredor. // Este estava á profundidade de // [página 5] de 0,30 m. As ossadas estavam // cobertas por pequenas lajes // que ajustavam mesmo em a-//cima delas.

Eram constituídos por femures // e por outros ossos das pernas // (femures ou tíbias?)

Do lado do norte apareceram // dois vasos justapostos. // Um de forma de copo/vaso, outro que // tinha este dentro de fundo se-//mi-esférico e colo concavo [esboço da peça] , lembrando o feitio de loiças // argáricas, mas de maiores dimensões.

Do corredor ainda um sílice mais // de base concava.

[*Página 6*] Na camara encontrou-se.

Duas setas de base recta

Uma de convexa

Duas de base em triangulo convexo

Uma de base concava com bar-//belas.

Duas contas biconicas uma verde // outra preta

Uma seta grande base concava

Apareceu também uma moeda de tostão de D- Manuel II.

Apareceu ainda um chapão // na camara partido, com // um buraco e ornamenta-//ção [esboço do ornamento]  em linhas quebradas.

Ainda sobre esta anta

O dono da propriedade // em certos tempos

[*Página 7* – introduz apontamento de materiais]

à profundidade de 0,30 m // tinha como um buraco.

Mais do corredor:

– conta bicónica verde

– Seta de cristal com base recta

– Seta de cristal com base recta

Da camara

– Dois silices de base concava

– Um nucleo de cristal

– Fragmento de faca

– Dentes

– Uma seta de base convexa

[prosegue descrição do proprietário]

tinha um filho que tinha si-//na de morrer dum raio.

Para evitar isso o pai man-//dou construir a anta, para // onde mandaria o filho quan-// fazia trovoada. Afinal o filho sempre morreu dum raio.

[*Página 8*] – Da camara saio ainda duas mós.

– Apareceram ainda duas con-//tinhas.

Do corredor

– Um peso de barro partido

– Um martelo de pedra polido

Da camara:

Um fragmento de machado

- Quatro sílices de base concava
- Duas setas de base recta
- Uma de cristal de base concava
- Frag de faca
- 17 contas de diversos tamanhos
- **Dois frag. de mó e uma in-//teira**

[Página 9] Um dos esteios é de granito rijo, // rocha que não ha na região // a não ser a cerca de 7 km para // mais.

A anta estava construída em // terreno muito pedregoso, rochoso mesmo. // O chão da anta estava quasi // no chão natural, mas en-//contraram-se os sulcos abertos // para pôr os esteios os quaes sulcos // tinham entre 0,80 m a 1 m de profundidade.

Dois esteios, que são os que estão // partidos, foram-no acerca de // 70 anos para a estrada.

*Transição do sílice  com base con-//cava para a seta.

[Página 10] Camara

Tres setas de base convexa redondo // ou triangulo, todas com pequenas // barbelas e de cristal,

Uma conta[sic] de base concava

Cinco sílices de base concava. Ha-//os grosseiros, mto. mal trabalhados, // ha-os de silex mais perfeitos; // ha-os estabelecendo perfeita re-//lação dos sílices para as setas de // base concava.

Em resumo:

Nesta ha a notar [esboço] a coinci-//dencia, a [ilegível] proximi-//dade dos silex de base concava, // com as setas de base convexa, // e algumas setas de base concava.

No estado actual das minhas inves-//tigações parece que as setas de base con-//vexa são de origem estrangeira // [página 11] e teriam tido predominio na pri-//meira fase do calcolítico.

Delas resultaria o punhal e alabarda.

Contas). Apareceu na camara mais // uma biconica, dez em forma de // roda, e 26 pequeninas.

Faca) É de lá um fragmento

Martelo. Apareceu ainda aqui uma // pedra mal polida que serviu dum // lado de martelo (já é o 2º) e ainda // **uma bolinha de barro, tendendo // para a forma do cilindro.**

Sílices e setas e contas: mais:

Nove sílices de base concava

Dez setas de base convexa
 Uma de base concava, bastante profundo
 Dez contas grandes e mto. pequenas

[Página 12] Corredor – 2 contas verdes, uma bico-//nica pequena, outra mais cilíndrica

- Duas contas em forma de roda
- Uma conta grande, preta, biconica
- 7 continhas
- 4 contas[sic] de base recta
- 7 setas de base convexa, algumas com // barbelas e de cristal.
- 3 contas de base concava
- **1 seta de base convexa, quasi triangular**

Camara.

Um silice trapezoidal
 Tres de base recta
 Tres de base concava
 Oito contas regulares, cilíndricas
 22 continhas

[Página 13] Dimensões e arquitectura da // anta da Sra. da Conceição

Tem camara grande com es-//teio inteiro e três partidos, um // encontrado à profundidade de // um metro. O corredor tem três esteios // do lado do sul, nenhum do norte. // A construção foi feita em terre-//no rochoso. Foi preciso abrir // trincheiras fundas para colocar // os esteios. O encontro destas, a-//pezar da falta de esteios per-//mitir a reconstituição da // forma e dimensões da anta. // Assim tem de comprimento // total de 7,20 m, dos quais // [página 14] 4 m pertencem à camara. // No sentido N-S a anta me-//de largura 4,40 m.

A porta da camara mede de largura 1,43 m.

A anta orientava-se no sentido // de leste.

Camara

Forma arredondada. Os esteios me-//dem:

A) Levemente inclinado. Alt. acima // do nível do chão 2,25, abaixo // 1,27 m; 1,30 m, esp. 0,95 m

B) Estava um metro abaixo do solo, // e estava Já partido. Inclinado // Alt. 0,48 m (abaixo do metro referido)//, larg. 1,10 m, esp. 0,17 m

C) Partido e inclinado. // Alt. acima do nível do solo 0,15 m // [página 15] abaixo 1,15 m; larg. 2 m, esp. 0,31 m.

D) Inclinado. Alt. acima do solo 0,18 m, // abaixo 1 m, larg. 1,60 m, esp. 0,40 m.

O esteio A é de granito. As outras não.

Corredor

Largura provavel 1,85 m. Diz-se provavel porque não ha esteios do lado norte.

Do sul três esteios:

Ie (de fora para dentro). Partido. // Direito. Alt. 0,60 m, larg. 0,93 m // esp. 0,23 m. A altura tirada abaixo do // nivel do solo

Iie - Direito. Partido. Alt. acima // do nivel do solo 0,80 m, abai-xo 0,65 m, larg. 0,76 m, esp. 0,39 m

[Página 16] IIIe) Alt. abaixo do solo 0,40 m, lar-gura 0,60 m, esp. 0,21 m // Partido e direito

Conclusão

Apezar das suas grandes dimensões, // que lembram as antas do fim e-//neolítico ou mesmo do bronze, // esta apresenta-se com silices // de base concava, semelhantes aos // da Oliveira da Cruz, a par das // setas com base concava que em // numero pouco excedem os silices // e mto. poucas concavas ou de base // recta. Será esta anta antiga?

Mas o seu chapão não era antro-//pomorfo. Em todo caso parece que // os silices se conservaram aqui mais // tempo ou as antas evolucionaram mais // depressa. As setas começa talvez do ene. [eneolítico].»